



ACADEMIA MILITAR

Análise da Ameaça e do Ambiente Operacional no Teatro de Operações do Afeganistão

Autor: Aspirante de Infantaria António Afonso Marques da Silva Sousa Marrana

Orientador: Major de Infantaria Artur Mesquita

Coorientador: Capitão de Cavalaria Tiago Baleia

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2018



ACADEMIA MILITAR

Análise da Ameaça e do Ambiente Operacional no Teatro de Operações do Afeganistão

Autor: Aspirante de Infantaria António Afonso Marques da Silva Sousa Marrana

Orientador: Major de Infantaria Artur Mesquita

Coorientador: Capitão de Cavalaria Tiago Baleia

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2018

EPIGRAFE

*“Verily, never will Allah change the condition of people unless they
change it themselves” AlCorão (013,011)*

DEDICATORIA

À minha mãe Maria Helena

Ao meu Pai João Rui

AGRADECIMENTOS

No momento da conclusão desta dissertação fica muito presente a ideia de que a mesma não teria sido possível sem o contributo de uma serie de pessoas. Desta forma, pretende-se deixar por escrito algumas considerações sobre o assunto, tendo em conta que as eventuais falhas desta obra são da exclusiva responsabilidade do autor, enquanto os méritos deste trabalho são também fruto da dedicação de muitas outras pessoas. Pretende-se assim deixar, na primeira pessoa, algumas notas de agradecimento, na certeza porem, de que serão inevitavelmente insuficientes e incompletas:

Ao Major de Infantaria Artur Mesquita, meu orientador, por ser capaz de me passar o seu infindável conhecimento sobre o Afeganistão, mas também sobre aquilo que é o método científico e sobretudo por ter aceitado orientar-me nunca me deixando perder a noção da responsabilidade que é publicar um trabalho pela Academia Militar.

Ao Capitão de Cavalaria Tiago Baleia, meu coorientador, pelas horas perdidas na orientação deste trabalho e pelo exemplo que foi ao nunca deixar que os seus problemas pessoais o impedissem de ajudar fosse no que fosse refletindo assim aquilo que são as virtudes de um oficial do exército português.

Ao Tenente-Coronel de Artilharia Vítor Mendes do Centro de Segurança e Informações Militares (CISMIL), por me ter passado algum do seu conhecimento e paixão por esta região fascinante que é o Médio Oriente.

A todos os meus camaradas que viveram estes anos de Academia Militar comigo, em especial ao curso de Exército/Armas, juntos provamos que a amizade se constrói nos bons momentos, mas sobretudo nas horas mais difíceis. Foi um orgulho ter feito este curso convosco.

Ao Exército Português, instituição que me acolheu e me fez crescer como pessoa. É para mim um enorme orgulho fazer parte desta instituição histórica pelo que me comprometo a dar sempre o meu melhor respeitando assim a memória dos grandes oficiais que encheram de glória as páginas da História de Portugal.

Finalmente – mas não menos importante – à minha família, na qual destaco as pessoas dos meus pais, avós, irmãos, padrinho e madrinha e também a Aninhas, por me terem proporcionado uma base de estabilidade sem a qual nunca teria conseguido acabar esta

fase. Os grandes generais defendem que as guerras não se ganham sem uma retaguarda forte, vocês foram e são a minha retaguarda.

RESUMO

O presente trabalho de investigação científica *Análise da Ameaça e do Ambiente Operacional no Teatro de Operações do Afeganistão* tem como objetivo geral a aplicação do método do Estudo do Espaço de Batalha pelas Informações na análise do Ambiente Operacional e da ameaça no conflito vivido no Afeganistão entre os anos de 2006 e 2017. Com a elaboração do presente trabalho pretende-se perceber a relevância da utilização deste método para o estudo de um conflito de natureza subversiva, razão pela qual se utiliza como objeto de estudo o conflito do Afeganistão nos anos anteriormente referidos.

Tendo em conta que este é o método utilizado na área das informações para efetuar análises que permitem apoiar a tomada de decisão por parte dos comandantes, pretendemos em primeiro lugar aplica-lo no Afeganistão para depois podermos perceber qual foi a melhor abordagem para a sua aplicação bem como quais as principais vantagens e desvantagens. Consequentemente, iremos perceber a razão pela qual é usado pela grande maioria dos países pertencentes à Organização do Tratado do Atlântico Norte.

Depois de experimentadas diferentes abordagens da aplicação do método, escolhemos como modelo aquela que é sugerida no *Counterinsurgent's Guidebook*. A razão desta escolha prende-se na adaptação da abordagem em questão ao objeto de estudo referido, permitindo assim ao autor chegar a mais conclusões sobre as características da utilização do Estudo do Espaço de Batalha pelas Informações.

Este método de eficiência comprovada em diferentes Teatros de Operações, é consistente para a análise da ameaça e do ambiente operacional em diferentes tipologias de conflito, facto que se comprova com a sua aplicação no conflito vivido no Afeganistão entre os anos de 2006 e 2017.

Palavras-chave: Estudo do Espaço de Batalha pelas Informações, Ambiente Operacional, Ameaça, Afeganistão.

ABSTRACT

The main purpose of this research, Threat and Operational Environment Analyses in the Operational Theatre of Afghanistan, is the application of the Intelligence Preparation of The Battlefield method to study the Operational Environment and the threat in the conflict lived in Afghanistan between the years of 2006 and 2017. This research intends to discern the relevance of the use of this method for the study of a conflict of subversive nature which is the reason in the previously mentioned years.

Taking into account that this method is used by intelligence community to create analysis that support the decision-making process by the commanding officers, we intend to firstly apply it in Afghanistan in order to, afterwards understand what's the best approach for its application was as well as its advantages and disadvantages. Accordingly, we have will understand why it is used by most countries that are part of the North Atlantic Treaty Organization.

Following have tested the different approaches for the application of the method, we choose as model the one suggested in the *Counterinsurgent's Guidebook*. This choice is justified by the adaptation of the approach regarding the previously mentioned object of study, thus allowing the author to reach a number of conclusions concerning the characteristics of the use of the Intelligence Preparation of the Battlefield method.

This method with proved efficiency in various theaters of operations, is consistent with the threat and operational environment analysis in different types of conflicts, fact which is proved by the application in Afghanistan Conflict between 2006 and 2017.

Key-Words: Intelligence Preparation of The Battlefield, Operational Environment, Threat, Afghanistan.

ÍNDICE GERAL

EPIGRAFE.....	I
DEDICATORIA	II
AGRADECIMENTOS.....	III
RESUMO	V
ABSTRACT	VI
ÍNDICE GERAL	VII
ÍNDICE DE FIGURAS.....	X
ÍNDICE DE TABELAS.....	XI
LISTA DE ABREVIATURAS SIGLAS E ACRÓNIMOS.....	XIII
INTRODUÇÃO	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	3
METODOLOGIA.....	6
CAPÍTULO 1 – O AFEGANISTÃO.....	9
1.1Descrição Geográfica do Afeganistão	9
1.2Breve Resenha Histórica do Afeganistão moderno	10
1.3Enquadramento Geopolítico do Afeganistão	14
CAPÍTULO 2 – O AMBIENTE OPERACIONAL.....	18
2.2.Política	18
2.2.Militar.....	22
2.3.Económica	24
2.4Social.....	26

2.5	Infraestruturas.....	29
2.6	Informações.....	30
2.7	Ambiente Físico	32
2.8	Resultados	33
CAPITULO 3 – OS EFEITOS DO AMBIENTE OPERACIONAL.....		34
3.1	Pré-requisitos de uma Insurgência	34
3.2	Razões de Base.....	35
3.3	Resultados	37
CAPÍTULO 4 – A AMEAÇA		38
4.1	Dinâmicas da Ameaça	38
4.1.1	Liderança	38
4.1.2	Ideologia	39
4.1.3	Objetivos.....	39
4.1.4	Ambiente e Geografia.....	40
4.1.5	Apoio Externo	40
4.1.6	Apoio Interno	41
4.1.7	Faseamento e Tempo de Uma Insurgência.....	42
4.1.8	Padrões Organizacionais e Operacionais	43
4.1.9	Alianças e Rivalidades com Organizações Terroristas e Movimentos Subversivos.....	46
4.3	As estratégias da ameaça	47
4.4	Os elementos da ameaça	48
4.5	Os Pontos Fracos e os Pontos de Fratura da Ameaça	49
4.6	Resultados	50
CAPITULO 5 – ANÁLISE DE RESULTADOS.....		52
5.1	Verificação das hipóteses e resposta às Perguntas Derivadas.....	52
CONCLUSÃO		54

BIBLIOGRAFIA	57
APÊNDICES	I
Apêndice A: Orgânicas das ANSF	I
Apêndice B – Resultados do IPB TRADICIONAL (PDE2-09)	I
Apêndice C– Resultados do IPB aplicado a operações de apoio à Contrassubversão.....	VIII
ANEXOS	XIV
Anexo A: Divisão Política do Afeganistão	XIV
Anexo B: Distribuição Étnica no Afeganistão.....	XV
Anexo C: Relevô no Afeganistão	XVI
Anexo D: Hidrografia No Afeganistão.....	XVII
Anexo E: Hectares destinados à produção de Papoilas por Região	XVIII
Anexo F: Zonas de Influência Taliban.....	XVIII
Anexo G: Valor do Afghani em Dólares	XIX
Anexo H: Principais produtores de Ópio 1999/2000/2001	XIX

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: O Processo do IPB nas operações COIN.....	8
Figura 2: Fontes de Informações e Notícias.....	11
Figura 3: Razão para o Pessimismo.....	16
Figura 4: Percepção da Corrupção como Problema.....	16
Figura 5: Estrutura Taliban.....	19
Figura 6: Fases de uma Insurgência.....	43
Figura 7: Orgânica ANSF.....	I
Figura 8: Orgânica ANP.....	I
Figura 9: AOP e AINT Obstáculos.....	III
Figura 10: Obstáculos.....	III
Figura 11: Corredores de Mobilidade.....	III
Figura 12: Cobertos e Abrigos.....	IV
Figura 13: Observação e Campos de Tiro.....	IV
Figura 14: Obstáculos Combinados.....	IV
Figura 15: Linhas de Infiltração Taliban.....	IX
Figura 16: Estrutura da Liderança Taliban.....	X
Figura 17: Divisão Política do Afeganistão.....	XIV
Figura 18: Distribuição Étnica no Afeganistão.....	XV
Figura 19: Relevo no Afeganistão.....	XVI
Figura 20: Hidrografia no Afeganistão.....	XVII
Figura 21: Hectares Destinados à Produção de Papoilas.....	XVIII
Figura 22: Zonas de Influência Taliban.....	XVIII

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Caracterização do AO na perspetiva do NUG e do movimento Taliban.....	13
Tabela 2: Grau de Operacionalidade dos Pré-Requisitos.....	17
Tabela 3: Razões de Base.....	50
Tabela 4: Dinâmicas da Ameaça.....	50
Tabela 5: Estratégias da Ameaça.....	50
Tabela 6: Elementos de uma Ameaça.....	50
Tabela 7: Pontos Fracos e Pontos de Fratura.....	51
Tabela 8: Análise do IPB clássico.....	52
Tabela 9: Análise Do Método do IPB Apoio á Contrassubversão.....	53
Tabela 10: Análise do Método do IPB do <i>CounterInsurgent's</i> Guidebook.....	53
Tabela 11: Análise SWOT.....	53
Tabela 12: Variável Política IPB Convencional.....	53
Tabela 13: Variável Militar IPB Convencional.....	V
Tabela 14: Variável Económica IPB Convencional.....	V
Tabela 15: Variável Social IPB Convencional.....	VI
Tabela 16: Variável Informações IPB Convencional.....	VII
Tabela 17: Variável Infraestruturas IPB Convencional.....	VII
Tabela 18: Variável Ambiente Físico IPB Convencional.....	VIII
Tabela 19: Avaliar a Ameaça.....	VIII
Tabela 20: Avaliação das M/A.....	XII

ÍNDICE DE APÊNDICES E ANEXOS

Apêndice A: Orgânicas ANSF.....	I
Apêndice B: Resultados do IPB “clássico” (PDE 2-09).....	I
Apêndice C: Resultados do IPB de Apoio à Contrassubversão (PDE 2-09).....	VIII
Anexo A: Divisão Política do Afeganistão.....	XIV
Anexo B: Distribuição Étnica do Afeganistão.....	XV
Anexo C: Relevo no Afeganistão.....	XVI
Anexo D: Hidrografia no Afeganistão.....	XVII
Anexo E: Hectares Destinados à Produção de Ópio.....	XVIII
Anexo F: Áreas de Influência Taliban.....	XVIII

LISTA DE ABREVIATURAS SIGLAS E ACRÓNIMOS

AINT – Área de Interesse

AM-Academia Militar

ANA-Afghan National Army

ANP- Afghanistan National Police

ANSF – Afghan National Security Forces

AOp- Area de Operações

ASCOPE – Áreas, Estruturas, Capacidades, Organizações, Pessoas e Eventos

CISMIL- Centro de Informações e Segurança Militares

COIN – Contrainsurgência

EM – Estado-maior

EU- União Europeia

EUA-Estados Unidos da América

FATA – Federally Administrated Tribal Areas

FND-Forças Nacionais Destacadas

GCC- Membros do Conselho de Cooperação dos Estados Emirados Árabes do Golfo.

GIRoA - Government of the Islamic Republic of Afghanistan

H-Hipóteses

IEC – Independent Election Comission

IED – Improvised Explosive Device

IPB – *Intelligence Preparation of the Battlefield*

ISAF- International Security Assistance Force

ISIS-K – Estado Islâmico do Khorasan

M/A – Modalidade de Ação

NATO – Organização do Tratado Atlantico Norte

NDN- Northern Distribution Network

NUG – National Unity Government

OFS – Operation Freedom Sentinel

ONU-Organização das Nações Unidas

PD- Pergunta Derivada

PDE- Publicação Doutrinaria do Exercito

PDPA-Partido Democrático Popular do Afeganistão

PMESII-PT- Politica, Militar, Económica, Social, Informações, Infraestruturas – Ambiente Físico e Tempo

PP- Pergunta de Partida

RSM – Resolute Support Mission

SOFA – Status of Forces Agreement

TIA- Trabalho de Investigação Aplicado

TO- Teatro de Operações

TTP-Técnicas Táticas e Procedimentos

UNAMA-United Nations Assistance Mission in Afghanistan

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

INTRODUÇÃO

O presente Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada, que tem como título “Análise da Ameaça e do Ambiente Operacional no Teatro de Operações do Afeganistão”, insere-se no ciclo de estudos do mestrado integrado em Ciências Militares na especialidade de Infantaria da Academia Militar (AM)

A principal razão que leva a escolha do tema em causa é o gosto pessoal pela área das informações militares e a perceção da crescente importância das mesmas no contexto militar nacional e nas operações realizadas pelas Forças Nacionais Destacadas (FND). Dado que o Afeganistão é um Teatro de Operações (TO) no qual forças portuguesas participam e haver uma considerável quantidade de fontes bibliográficas sobre as informações neste mesmo país, leva a combinar o capítulo das informações com o TO do Afeganistão.

O Objeto de estudo é um elemento essencial de uma investigação. Embora o título e o tema sejam elementos importantes, não são suficientemente esclarecedores sobre “quem”, “o que”, “onde” e “quando” vai o investigador estudar. (Carmo e Ferreira, 2009 cit in Santos et al 2009). Neste sentido tendo em conta a investigação que pretendemos levar a cabo, podemos dizer que o objeto de estudo é o Afeganistão, o seu ambiente operacional bem como a sua ameaça entre os anos de 2006 e 2017. “Deve-se deixar claro o problema que se pretende responder com a sua pesquisa, assim como a sua delimitação espacial e temporal” (Gil 2002, p. 162).

“O Objetivo geral de uma investigação deve ser definido numa fase inicial da investigação, logo que estabelecido o objeto de estudo” (Santos et al, 2009). Neste caso podemos então dizer que o nosso objetivo será a aplicação do método do Estudo do Espaço de Batalha pelas Informações também conhecido como *Intelligence Preparation of the Battlefield* (IPB) para a descrição do ambiente operacional e da ameaça do TO do Afeganistão.

Sabendo que este tema se insere no capítulo das informações e sendo o IPB um método amplamente utilizado nesta área, achou-se que a análise que nos propomos a fazer iria ser mais sistemática com a aplicação deste método, pois o “(IPB) é a forma estruturada de análise da influência que estes fatores têm nas operações “ (Estado Maior do Exército 2010, p.1-1) permitindo assim a constituição de um corpo de conhecimentos organizados que possam servir de apoio a futuras investigações científicas.

Por outro lado, a aplicação do IPB num objeto de estudo concreto (ameaça e ambiente operacional no Afeganistão), irá permitir-nos, fazer uma análise crítica da razão pela qual este método é tão amplamente utilizado.

“A definição dos objetivos específicos de investigação é um processo que deve prender a atenção do investigador, uma vez que serão instrumentais para o conhecimento e para a avaliação do sucesso da investigação” (Santos et al, 2009). Neste sentido foi feito um esforço para decompor o objetivo geral em aspetos mais restritos para que seja mais facilmente alcançável. Temos então os seguintes objetivos (O) específicos:

O1: Determinar qual a melhor abordagem para a aplicação do método do IPB num conflito deste de natureza subversiva.

O2: Determinar as principais vantagens e desvantagens da aplicação do método do IPB num conflito de natureza subversiva.

O seguinte trabalho é composto de uma maneira geral por três partes (pré-textual, textual e pós-textual) que por sua vez também se dividem. Na primeira podemos observar os elementos identificadores desta dissertação: Resumo, *Abstract* e os diversos Índices.

Quanto à parte textual esta é composta por uma componente teórica e uma fase de carácter mais prático. A componente teórica compreende a presente introdução, o enquadramento teórico que pretende explicar ao leitor os principais conceitos abordados e a metodologia que faz referência aos métodos e técnicas utilizados.

A fase mais prática inicia-se com o capítulo 1 que tem a finalidade de enquadrar o autor com o objeto de estudo. No Capítulo 2 analisamos o AO, para que no terceiro possamos entender os seus efeitos. Seguidamente faremos uma análise da ameaça concluindo esta parte com a discussão dos resultados obtidos.

Por último teremos então a parte pós-textual, esta será constituída pela Conclusão, Bibliografia, Apêndices e Anexos. Quanto á conclusão, o seu objetivo será fazer uma discussão sobre a aplicação do IPB para a produção deste trabalho de natureza científica. Nos Apêndices destaca-mos os resultados dos diferentes IPB que foram feitos paralelamente a toda a investigação e que constituem a principal fonte para a produção de conhecimento. Nos anexos, é possível consultar alguma informação que consideramos pertinente na elaboração do trabalho e que vai ajudar o leitor a melhor compreender a dissertação.

Enquadramento Teórico

Tendo este trabalho como título “Análise da Ameaça e do Ambiente Operacional no Teatro de Operações do Afeganistão” devemos começar por definir conceptualmente os termos ameaça e ambiente operacional. Seguidamente iremos analisar outros conceitos operacionais com relevância para o presente trabalho académico e finalmente abordar as principais obras relevantes para a problemática em estudo.

No que diz respeito ao ambiente operacional, este é definido no Glossário de Termos Empregues nas Publicações Doutrinárias do Exército como o “Conjunto de condições, circunstâncias e influências que afetam o emprego de forças militares e influem nas decisões do comandante. Inclui cinco domínios: ar, terra, mar, espaço e informações.”(Estado Maior do Exército, 2014). Dado que a presente investigação não será para apoiar a tomada de decisão de um comandante em específico, diremos que neste trabalho o ambiente operacional será a situação definida pelas variáveis operacionais e que afeta o conflito.

Assim sendo, para termos um ponto de partida para o estudo do ambiente operacional é necessário conseguirmos enquadrar o conflito no Afeganistão entre 2006 e 2017. Segundo o espectro do conflito que podemos observar na página 1-6 da Publicação Doutrinária do Exército (PDE) 3-00, este abrange vários níveis de violência: Paz estável, Paz instável, Guerra Subversiva e Guerra Total. Dado que a guerra subversiva é “caracterizada como uma ação levada a cabo com o objetivo de derrubar pela força um governo ou poder instituído” (Estado Maior do Exército, 2012, pp. 2-2) e “define-se como forma de guerra conduzida no interior de um território, por parte dos seus habitantes ajudados e reforçados ou não do exterior, contra as autoridades de direito ou de facto estabelecidas, com a finalidade de lhes retirar o controlo desse território ou, pelo menos paralisar a sua ação” (Estado Maior do Exército, 2015, pp. 3-1) classificamos o conflito do Afeganistão entre 2006 e 2017 como uma guerra subversiva. Como iremos ver ao longo do trabalho, um dos objetivos da ameaça é derrubar o poder instituído que é materializado numa primeira fase pelo GIROA e subsequentemente pelo NUG, por outro lado o apoio externo é um fator relevante na condução desta guerra, embora a mesma seja desenvolvida no interior do território do Afeganistão. Assim adotamos esta definição para Guerra Subversiva e consideramos que é este o tipo de conflito que se viveu no Afeganistão nos anos entre 2006 e 2017.

Partindo do pressuposto que o conflito vivido no Afeganistão nestes anos é de natureza subversiva, passamos agora a analisar quais os temas de campanha neste nível do espectro do conflito. Embora não seja o único, aquele que é mais presente na guerra

subversiva é a Guerra Irregular, que “é uma guerra travada entre os atores estado e não-estado pela legitimidade e influência sobre uma população e território” (Estado Maior do Exército, 2012).

No caso do nosso objeto de estudo, observamos um confronto entre as forças do movimento Taliban e as forças do NUG apoiadas por elementos internacionais, que materializa a primeira parte do conceito. Por outro lado a legitimidade procurada pelo governo sombra Taliban tentando sempre estender a sua influência à população consubstancia o segundo segmento da mesma definição.

Dentro da Guerra Irregular, são várias as operações militares que a caracterizam. No entanto para a realização deste Trabalho de Investigação Aplicada (TIA), existem duas que assumem particular importância: a Subversão e a Contrassubversão.

A primeira é descrita como a forma de guerra praticada por uma parte da população contra a autoridade de facto ou de direito (Estado Maior do Exército, 2012), que no caso do objeto de estudo é a guerra conduzida pelo movimento Taliban contra o NUG. Quanto ao segundo tipo de operações militares, a contra subversão, temos “todas as ações militares, paramilitares, políticas, económicas, psicológicas e civis levadas a cabo por um governo para acabar com a subversão” (Estado Maior do Exército, 2012) materializada pelo esforço feito pelo NUG e forças internacionais para acabar com o movimento Taliban.

Quanto à Contra Subversão é necessário termos em conta a evolução da doutrina, que neste caso passa da contra subversão para contra insurgência indo de encontro ao conceito internacional para designar este tipo de operações. No entanto no decorrer desta dissertação abordaremos estes conceitos como sinónimos já que a definição de Contra Subversão no PDE 3-00 é igual, mas numa língua diferente, à de *CounterInsurgency* presente no JP 1-02.

Ainda dentro das operações militares mais comuns na Guerra Irregular interessa também caracterizar o combate ao terrorismo. Segundo a doutrina portuguesa este tipo de operação pode ser dividido em duas: o anti terrorismo e o contra terrorismo. Enquanto a primeira diz respeito às ações defensivas que têm como objetivo reduzir os efeitos de um ataque terrorista, a segunda foca-se na dissuasão, resposta e prevenção de um ataque deste tipo (Estado Maior do Exército, 2012). Ao longo do trabalho iremos ver que o combate ao terrorismo constitui parte importante do esforço da comunidade internacional no Afeganistão sendo que uma das principais forças que atua neste território tem como missão o combate ao terrorismo.

No que diz respeito á ameaça podemos caracterizá-la segundo o Glossário de Termos Empregues nas Publicações Doutrinarias do Exército como “Estado, organizações, pessoas, grupos ou condições com capacidade para danificar ou destruir vidas humanas, recursos vitais, ou instituições. Podem ser divididas em quatro categorias: tradicionais, irregulares, catastróficas e desestabilizadoras.” (Estado Maior do Exército, 2014, p.4).

Dentro destas categorias vemos que as ameaças irregulares são: “constituídas por oponentes que empregam métodos e meios não convencionais para atingir os seus objetivos. Um inimigo ou adversário militarmente mais fraco normalmente recorre à guerra irregular para contrariar as vantagens do mais forte e prolongar o conflito” (Estado Maior do Exército, 2012, pp. 1-6). Visto que consideramos que no Afeganistão o tema de campanha maioritariamente presente é a guerra irregular e que os métodos e meios utilizados pela ameaça taliban, como iremos ver ao longo do TIA, não são convencionais, consideraremos o movimento Taliban como uma ameaça irregular.

No entanto, esta ameaça irregular aparece na forma de uma insurgência que são as “ações de um grupo ou movimento organizado, frequentemente motivado ideologicamente, que procura provocar ou evitar a mudança na autoridade governante de uma determinada região, centrando-se em persuadir ou coagir a população através do uso da violência e da subversão” (Estado Maior do Exército, 2015, pp. 3-1). A opção da adoção deste conceito prende-se inevitavelmente com o tipo de motivação e objetivos que caracterizam o movimento Taliban em comparação com os restantes, e que serão abordados na análise da ameaça.

Assim interessa-nos agora enquadrar este conceito dentro da doutrina vigente. Dado que consideramos que a contra subversão é sinónimo de contra insurgência, então neste caso a insurgência será também sinónimo de subversão e consequentemente, o movimento Taliban pode ser considerado como um movimento insurgente e subversivo.

Dado que a análise que nos propomos a fazer tem por base o IPB, cabe agora perceber a razão pela qual optamos por um método de aplicação do IPB presente no *Counterinsurgent's Guidebook* em detrimento de outras publicações. De facto, esta obra apresenta uma forma de estudo da ameaça e AO muito mais apropriada para o tipo de conflito presente no Afeganistão e por outro lado é passível de ser aplicada a níveis da guerra mais altos (Operacional, Estratégico e Político). (Counterinsurgency Training Center - Afghanistan, 2011).

Metodologia

Neste capítulo propomo-nos a explicar ao leitor aqueles que foram os procedimentos metodológicos adotados na presente investigação. Segundo Sarmento a Metodologia “visa a descrição precisa do problema, dos métodos, das técnicas, dos instrumentos de pesquisa, dos materiais e dos equipamentos utilizados no trabalho” (Sarmento 2013, p.208).

“Existem diversos tipos de investigação, assumindo estes, normalmente, a forma de investigação fundamental ou investigação aplicada. “A investigação aplicada tem por objetivo encontrar uma aplicação prática para os novos conhecimentos, adquiridos no decurso da realização de trabalhos originais” (Carvalho, 2009, p. 42, cit in Santos 2009, p, 14). Assim podemos dizer que a investigação deste trabalho será uma investigação aplicada dado que a aplicação dos conhecimentos adquiridos será de carácter prático para futuras investigações.

Na investigação científica existem vários tipos de raciocínio entre os quais o dedutivo, o indutivo e hipotético-dedutivo. O método hipotético-dedutivo ou de verificação de hipóteses, baseia-se na formulação de hipóteses ou conjeturas para explicar os fenómenos. Depois de levantadas as hipóteses estas são testadas de modo a confirmar quais é que são validas, ou seja, aquelas em que não há razões para refutar as hipóteses. (Sarmento, 2013, p. 9). Assim dado que para a elaboração deste trabalho levantei hipóteses para mais tarde poder fundamenta-las, ou não, através da observação de factos, considero que este trabalho se insere no método hipotético-dedutivo. As hipóteses serão corroboradas ou negadas depois de termos utilizado o método do IPB, visto que a sua aplicação nos vai dar o conhecimento necessário para testar estas hipóteses.

Na presente dissertação a principal técnica para recolha dos dados foi a análise documental, uma vez que para a elaboração deste trabalho apenas foram usados dados secundários. A razão que nos leva a tomar esta decisão de apenas analisar dados secundários foi a incapacidade de, com os meios ao nosso dispor, conseguir obter dados primários com a mesma relevância e qualidade dos dados secundários que estão disponíveis em fontes abertas.

Tendo em conta o parágrafo anterior assumimos como principal limitação a incapacidade de recolha de dados primários. Numa tentativa de suprimir esta dificuldade e baseados na necessidade dos mesmos para efetuar o método do IPB, o autor apoia-se nas múltiplas publicações levadas a cabo pela *Asia Foundation*, em particular *Afghanistan in 2017 – A Survey to The Afghan People*. Este último estudo é feito através de 929 entrevistas

e inquéritos realizados a uma amostra de 10,012 homens e mulheres acima dos 18 anos de todas as 34 províncias do Afeganistão.

Outra limitação que assume particular importância reside na impossibilidade de analisar o objeto de estudo num espaço temporal indefinido, sendo assim escolheu-se o período desde 2006 até 2017. Por outro lado, a falta de dados referentes a ameaças também presentes na área geográfica que pretendemos estudar tornou a sua análise impossível, razão que nos leva a escolher o movimento Taliban como única ameaça analisada, tendo em conta que esta é a mais relevante em todo o TO (Mesquita, 2014).

Dado que existem, de uma maneira geral três abordagens científicas possíveis: quantitativa, qualitativa e mista (Santos, et al., 2015), optou-se por escolher uma estratégia de natureza qualitativa para a elaboração deste trabalho. Esta opção prende-se com o facto da interpretação dos fenómenos ao qual iremos atribuir significados ser feita a partir de padrões encontrados.

Para facilitar a compreensão do presente trabalho de investigação, este foi iniciado tendo por base uma pergunta que irá conduzir a investigação (Quivy e Campenhoudt, 2008), chamando-lhe Pergunta de Partida (PP): “Qual a pertinência do método do IPB na análise da ameaça e do AO num conflito de natureza subversiva?”. Depois de termos já definido o tema a investigar, bem como o seu enquadramento e delimitado a PP, trataremos então de formular as Perguntas Derivadas (PD), que vão dar sustentabilidade á PP (Sarmiento, 2013).

PD1: Qual a melhor abordagem para a aplicação do método do IPB?

PD2: Quais as vantagens e desvantagens da utilização do IPB no estudo da ameaça e do AO num conflito de natureza subversiva?

Como resposta às nossas PD vamos então levantar Hipóteses (H) que são “A resposta temporária e provisória, é uma suposição que o investigador propõe perante uma interrogação formulada a partir de um problema de investigação ou pergunta de partida” (Hout, 2002 cit in Sarmiento, 2013, p.13).

H1: A melhor abordagem é aquela que é descrita no capítulo 2 do PDE 2-09 (IPB em operações convencionais).

H2: A principal vantagem do IPB é a forma estruturada como analisa o conflito.

Por forma a conseguirmos corroborar ou afirmar as hipóteses anteriormente estabelecidas, iremos aplicar o método do IPB no objeto de estudo para que com o conhecimento adquirido pela sua aplicação possamos testar as hipóteses.

O instrumento metodológico que foi usado como base para a análise dos dados é o modelo do IPB abordado no *Counterinsurgent's Guidebook*. Este método consiste na

utilização dos princípios do IPB aplicados em operações de contrainsurgência. Compreende quatro passos sendo o primeiro o estudo das pessoas através da mnemónica ASCOPE (para um estudo a nível tático) ou das variáveis operacionais PMESII-PT¹ (para um estudo a nível operacional). Seguidamente no segundo passo estuda as questões avaliando os pré-requisitos de uma insurgência. No terceiro passo aborda as estratégias insurgentes tendo em conta os modelos presentes na história e por último determina as modalidades de ação.

A razão que nos leva a focar nas variáveis operacionais em detrimento da análise do terreno na definição do ambiente operacional, é o facto de nas operações de Contrainsurreição (COIN) o “terreno humano” ser a parte fundamental para a perceção do ambiente operacional (Counterinsurgency Training Center - Afghanistan, 2011). “Nas operações convencionais, a população é considerada um obstáculo para evitar os danos. Na COIN a população é o “terreno chave” e quem controlar a população tem a vantagem”² (Counterinsurgency Training Center - Afghanistan, 2011, p. 7).

Figure B: The COIN IPB Process



Figura 1: O Processo do IPB nas operações COIN

Fonte: Counterinsurgency Training Center – Afghanistan. (2011). *A Counterinsurgents Guidebook*. Cabul

¹ Tendo em conta o facto de que o estudo não incide numa operação que se vai efetuar num determinado espaço de tempo, a variável tempo não será caracterizada.

² Tradução feita pelo autor

CAPÍTULO 1 – O Afeganistão

1.1 Descrição Geográfica do Afeganistão

O Afeganistão é um país fechado por terra no coração da Ásia Central. Tem uma extensão de 67497 quilómetros quadrados (km²), o que equivale a cerca de sete vezes a extensão do território português. Este tem como países vizinhos o Paquistão com o qual faz fronteira a Este sendo esta a maior fronteira do país com uma extensão de aproximadamente 2430 km. A Oeste faz fronteira com o Irão (936km). Já a Norte temos os países da Ásia Central: Turquemenistão (744km), Uzbequistão (137km) e Tajiquistão (1206km). A Nordeste tem ainda uma fronteira de reduzida dimensão com a China, na zona da cordilheira do Hindu Kush.³

Quanto ao seu relevo assume particular importância a cordilheira do *Hindu Kush*, a qual chega atingir uma altura de aproximadamente 7,845 metros de altitude. Todo o Norte, zona central do país e sudoeste encontram-se dominados por este acidente natural, e mesmo a capital, está a uma altitude de aproximadamente 1,789 metros. (Collins, 2011). Importante também realçar que a Norte da cadeia montanhosa temos ainda as planícies que atravessam a fronteira afegã no rio Amu Darya, e a Sul do Hindu Kush o deserto que se estende desde o Paquistão até ao Oceano Índico (Freitas, 2009).⁴

No que diz respeito à sua hidrografia podemos realçar alguns rios que se mostram de grande importância, também importante o facto de que todos, à exceção do Amu Darya, têm a sua nascente na cordilheira do Hindu Kush⁵. O rio Amu Darya tem a sua nascente a Este e vai se deslocando para montante percorrendo o território do Afeganistão e marcando uma grande parte da fronteira com o Turquemenistão, Uzbequistão e Tajiquistão. Quanto ao rio Cabul este vai correndo para Este, passando por Jalalabad e depois pelo Paquistão. De realçar também é o rio Helmand, este nasce na zona central do Afeganistão passando depois para o Irão, na forma do seu afluente o rio Arghandab. Por último temos o rio Balhkh que vai para Norte seguindo a direcção do Uzbequistão. Com o derretimento da neve nas zonas mais altas, estes rios aumentam o seu caudal levando assim a água até as regiões áridas do país, que constituem apenas 14% do território (Collins, 2011).

Quanto à sua vegetação, temos a Norte nas zonas de elevadas altitudes (1800 e 3600 metros) maioritariamente árvores como cedro e o pinheiro, descendo entre os 1800 e os 900

³ Ver Anexo A

⁴ Ver Anexo C

⁵ Ver Anexo D

metros temos predominantemente arbustos e árvores como a aveleira. A baixas altitudes a vegetação é bastante escassa. (Freitas, 2009).

O clima neste país é marcado pelos extremos. Embora na zona Norte do país este tenha um clima subártico com invernos frios e secos, nas zonas mais baixas podemos encontrar um clima árido ou semiárido continental, que é o predominante em todo o país. Também as temperaturas neste país podem atingir valores muito altos como os 49°C no verão e descer em períodos de Inverno para os -9°C. Quanto á precipitação esta é relativamente escassa, com exceção da região Este que ainda é afetada pelo regime das monções.

1.2 Breve Resenha Histórica do Afeganistão moderno

Naquele que é o território onde se situa o Afeganistão dos dias de hoje, podemos observar que há vestígios de atividade humana desde a pré-história. O termo Afegão surge, inicialmente na civilização persa para denominar as tribos Pashtuns que habitavam a sul da cordilheira do Hindu Kush. Naturalmente que o termo Afeganistão, que etimologicamente significa “Terra dos Afegãos” foi inicialmente utilizado para fazer referência ao território ocupado por essas mesmas tribos no território que é hoje a fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão (Ewans, 2002).

A partir de 1830 o Afeganistão vê-se mergulhado naquilo a que era chamado “*the great game*”, uma tentativa da Rússia aumentar os seus protetorados na Asia Central e assim fazer frente aos ingleses que se encontravam entrincheirados na India (Maley, 2010). Como resultado, temos entre 1839 e 1842 a primeira guerra anglo-afegã, com o objetivo de bloquear a influência russa na fronteira com a India britânica. Esta guerra inicia-se com uma invasão que depõe o chefe de estado Dost Mohammad e chega a ocupar a cidade de Kabul.

No entanto os 16 000 ingleses que constituíam a força expedicionária britânica, acabam por tentar retirar para a India facto que não acontece e resulta na morte de grande parte desta força. A subsequente invasão inglesa matou milhares de afegãos e destruiu-o grandes cidades como Cabul. Dost Mohammed sobe de novo ao poder intitulado como emir e passa o resto do seu reinado a tentar consolidar o seu poder ajudado por subsídios britânicos. (Collins, 2011). Entre 1878 e 1880 a influência russa em Cabul faz com que Inglaterra lance um ultimato e mais tarde uma eficaz invasão, dando assim início á segunda guerra anglo-afegã. Aparece então um novo emir Abdur Rahman que governa este país com um “punho de ferro” (Collins, 2011, p 16). Em 1893 este é obrigado a aceitar a tão odiada Durand Line, desenhada por Sir Mortimer Durand que dividia o Afeganistão da India Inglesa, e que com ainda mais gravidade dividia as tribos Pashtum que habitavam nesta

fronteira. Esta linha criou uma questão que nunca foi resolvida e diz respeito ao território Pashtum. Nas primeiras duas guerras Anglo-Afegãs os afegãos ganharam uma reputação de guerreiros ferozes que fez com que o célebre escritor Joseph Rudyard Kipling chegasse a tecer alguns versos sobre estes combatentes.

A terceira guerra anglo-afegã tem lugar em 1919 e vai libertar este país da influência britânica na política externa afegã (Gregory Fremont-Barnes, 2009). Esta guerra, muito menos sangrenta do que as anteriores, inicia-se com uma subida ao poder do novo emir Amanullah que conseguiu ganhar total independência do país travando apenas algumas pequenas batalhas.

O novo emir decide modernizar o seu reino e cria algumas medidas mal aceites por partes da sociedade. Nasce assim algumas revoltas a Este do país, que levam o emir aceitar assistência militar por parte da União Soviética, e mais tarde abdicar do trono (Collins, 2011).

Até 1953 assiste-se a um período de relativa estabilidade e de reformas a um passo mais moderado, com o estado Afegão encabeçado inicialmente por Nadir Shah (primo de Amanullah) e seguidamente Zair Shah irmão de Nadir. Este período acaba com a subida ao poder de Daoud Khan, primeiro-ministro afegão. Uma tentativa de rápida aceleração da modernização do país, leva a demissão do primeiro-ministro pelo Rei Zahir em 1963, e a aprovação de uma constituição liberal. A Abertura do Afeganistão para a comunidade internacional nos anos que seguem este período leva a criação de oportunidades de negócio e aumento dos níveis de educação e tecnologia a sociedade afegã (Mesquita, 2014).

A subida ao poder de Daoud Khan em 1973 é feita através de um golpe de estado, aproveitando a viagem do rei à Europa. Este instaura a república e ocupa os cargos de Presidente e Primeiro-Ministro. Num governo amplamente marcado por instabilidade política, social e problemas económicos refletidos na incapacidade de introduzir reformas estruturais no país, Daoud é assassinado por aqueles que anteriormente protegia (Mesquita, 2014). Em 1978 o Presidente apercebeu-se que o partido da esquerda do seu país tinha crescido tanto que achou melhor aproximar-se à direita abrindo relações com os Estados Unidos da América (EUA). Com alguma ajuda logística soviética, os líderes do Partido Democrático Popular do Afeganistão (PDPA) levam a cabo um golpe de estado que mata Daoud e a sua família, e marca o nascimento da República Democrática do Afeganistão.

O PDPA vai então criar programas para uma rápida modernização do país. Entre outras medidas neste programa consistia em igualdade de direitos para as mulheres e

reformas agrárias. Embora alertados pelos soviéticos, estas reformas vão sendo levadas a cabo, facto que criou um descontentamento muito generalizado.

Ao mesmo tempo que o país se ia reformando o exército afegão lidava com um novo grupo que se auto-intitulava os mujahideen⁶. Também as tensões entre os comandantes do exército afegão e os assessores soviéticos iam gradualmente aumentando. Assim em março de 1979 um ataque rebelde na cidade de Herat causa a morte de 50 agentes soviéticos. No entanto o kremlin considerava que uma intervenção por parte das suas forças armadas era inadmissível, sabendo porem que a única maneira de suprimir uma revolução neste país seria por meio da força (Collins, 2011). No entanto quando Muhammad Taraki é deposto em setembro de 1979, sob ao poder Hafizullah Amin que corta relações com a União de Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Em dezembro de 1979 a URSS invade o Afeganistão, e substitui Amin por Babrak Karmal, um membro menos radical do PDPA. No clima de guerra fria em que a comunidade internacional estava mergulhada, não foi possível encontrar as razões que levam a esta invasão, por outro lado “(...) as evidencias sugerem que o fator dominante foi o medo Histórico de Moscovo se ver cercado pelo sul (...)” (Marsden 2002, cit in Freitas 2009, p.9), e também a rivalidade com os EUA⁷ que poderiam eventualmente tentar estender a sua influência politica a este país.

Embora a União Soviética tenha sido capaz de lançar uma invasão particularmente bem-sucedida, a sua presença neste país bem como a guerra de guerrilha travada nos anos de ocupação não o foram de igual forma. De facto as tropas soviéticas não estavam preparadas para uma guerra de contrassubversão nem tinham experiencia em operações em terreno montanhoso. Só passados 5 anos da invasão é que as tropas soviéticas começaram a ter mais resultados usando ataques aéreos e tropas aeromóveis. No entanto o isolamento por parte da comunidade internacional e o apoio externo dos insurgentes via serviços de informações Paquistaneses⁸ faz com que os soviéticos iniciem a sua retirada em Maio de 1988. (Collins, 2011).

Na sequência da retirada soviética Najibullah assume o poder do Afeganistão, embora ainda bastante ajudado pela URSS. Ao contrário do que era de esperar o governo de

⁶ Nome que significa combatente ou guerreiro da jihad, inicialmente dado aos que combateram a invasão soviética no Afeganistão (Pohly e Duran in Freitas 2009, p. 9)

⁷ É necessário ter em conta que foi a primeira vez que as forças armadas da URSS foram usadas num país fora do Pacto de Varsóvia (Collins, 2011)

⁸ Segundo Collins a ajuda prestada pelos EUA aos mujahideen estava calculada em 400 \$ anuais convertidos sobretudo em mísseis terra-ar portáteis.

Najibullah aguenta três anos no poder e consegue proporcionar um nível de vida razoável em comparação com os últimos 10 anos, beneficiando também de uma fragmentação nas fileiras dos mujahideen (Freitas, 2009). No ano de 1992 o inevitável acontece e Cabul é conquistada sem grande oposição obrigando o antigo chefe do estado a fugir, alojando-se no edifício das Nações Unidas que viria a ser tomado em 1996. Os anos que se seguem são intensamente marcados por guerras civis entre as diferentes facções mujahideen, que tinham como causa a falta de consenso na escolha de um chefe de estado para o Afeganistão.

É neste ambiente que em 1994, em Kandahar, nasce o movimento taliban⁹, com o intuito de instaurar as leis e virtudes da Sharia¹⁰. Liderados pelo Mullah Muhammad Omar adotam políticas extremamente radicais. Recebendo pouca atenção da comunidade internacional, vários grupos de militantes jihadistas instalam-se neste país. Entre estes grupos é importante realçar a Al-Qaeda, com o seu líder Osama Bin Laden. (Mesquita, 2014).

Em 2011, após o ataque de 11 de setembro, o cenário muda radicalmente. Os EUA exigem o encerramento imediato de todas as bases de treino da Al-Qaeda em território afegão e a entrega imediata de Osama Bin Laden. Pedido que é recusado por Mullah Omar.

No dia 7 de outubro de 2001, iniciaram-se ataques aéreos americanos em solo afegão. No final deste mês forças de operações especiais e agentes da CIA começam a operar a sul aliando-se a algumas tribos Pashtun. Em Março de 2002 embora o regime taliban tenha sido deposto, os EUA não tinham nem destruído o inimigo nem a sua vontade de combater (Collins, 2011).

A operação *Enduring Freedom* resulta na remoção dos governantes taliban do poder, obrigando-os a refugiarem-se no Paquistão, na instauração da República Islâmica do Afeganistão e subida ao poder do Presidente Hamid Karzai. Este novo regime é fortemente sustentado por financiamento internacional bem como por forças militares ocidentais.

Em 2002 com a ajuda do E.U.A é criado o *Afghanistan National Army* (ANA) e é enviada uma força de segurança de nome *International Security Assistance Force* (ISAF). Desde esta altura os mandatos da ISAF foram sucessivamente alargados, e a sua zona de ação que inicialmente era Kabul foi se alargando, chegando a ocupar a totalidade do

⁹ Palavra com origem persa, que significa estudante. Tradução livre de Dicionário Oxford Online. Retirado a 2 de Março de 2018, em <https://en.oxforddictionaries.com/definition/taliban>

¹⁰ Sharia significa o “caminho”, e refere-se a um certo número de princípios de morais e religiosos. Retirado site da CNN a 2 de Março de 2018 em <https://edition.cnn.com/2016/08/16/world/sharia-law-definition/index.html>

território. Em 2014 as forças de Assistência Internacional fazem uma retirada bastante expressiva deste país.

As eleições de 2014 resultam na formação do NUG (National Unity Government), no qual o poder de Presidente e chefe do executivo é partilhado entre o Dr. Ashraf Ghani e o Dr. Abdullah Abdullah, assumindo o primeiro o papel de Presidente e o segundo o papel recém-criado de chefe do executivo (questão ainda por validar pela *loya jirga*¹¹).

1.3 Enquadramento Geopolítico do Afeganistão

Neste capítulo propomo-nos a fazer uma breve descrição do enquadramento geopolítico da República Islâmica do Afeganistão. No entanto vamo-nos apenas focar em elaborar uns breves parágrafos que expliquem como é que a situação geopolítica deste país foi alterada nos últimos anos, e seguidamente uma pequena descrição da sua relação com os países que têm maior influência no seu território.

Começando pelo período em que o movimento Taliban tomou o controlo deste país, apenas 3 países o reconheciam: o Paquistão, Emirados Árabes Unidos e Arabia Saudita. Embora o controlo da maior parte das grandes cidades fosse de facto exercido pelo regime taliban o assento do Afeganistão nas Nações Unidas bem como na maior parte das embaixadas continuava ocupado por membros do antigo regime. (Collins, 2011)

Na sequência do 11 de Setembro de 2001, a invasão do Afeganistão liderada pelos EUA, retira o regime Taliban do poder e coloca á frente dos destinos do país o Presidente Hamid Karzai. Dado que a invasão resulta da declaração da *War on Terror* de George W. Bush, os EUA invocaram o artº5 do tratado de Washington para assim confirmar a presença da Organização Tratado do Atlântico Norte (OTAN) neste conflito. A 7 de Outubro de 2001 inicia-se a projecção de forças para este país consequência da operação *Enduring Freedom*. Naturalmente que a partir deste momento a situação geopolítica do Afeganistão muda radicalmente. Muitos países que poderiam demonstrar não ter qualquer tipo de interesse neste país investem muito dinheiro e recursos humanos para responder ao artº5 da NATO, formando assim a *International Security Assistance Force* (ISAF).

Entre os vários países que desenrolam um papel ativo neste conflito temos o Paquistão. Depois da queda do regime Taliban no Afeganistão o Paquistão encontra-se numa encruzilhada. Por um lado, este país tinha relações fortes com o antigo regime. Por outro ao não se juntar à coligação, poderia estar a abrir portas para que a Índia estendesse a sua

¹¹ Ver subcapítulo 2.1

influência no Afeganistão, que seria o pior dos cenários para a política externa paquistanesa¹². Segundo o relatório do Department of Defense (DoD), sobre a segurança e estabilidade no Afeganistão, um dos maiores problemas do último são a existência de santuários Taliban nas *Federally Administred Tribal Areas* (FATA)¹³ (Department of Defense, 2013). No entanto o movimento taliban já se estendeu também ao Paquistão sob o nome de *Tehrik Taliban-i-Pakistani* com o objetivo de estabelecer um regime fundamentalista no país, razão que leva a que fossem conduzidas operações para acabar com os santuários em território paquistanês. (Martín, 2011). Desde 2012 que o Paquistão tem feito um esforço para melhorar as suas relações com a República Islâmica do Afeganistão, o que se fez notar por visitas de altas entidades relacionadas com a pasta dos negócios estrangeiros.

Por sua vez a Índia tem também um papel fundamental no Afeganistão. Apoiada pelos EUA, que claramente são a favor da influência regional da Índia em detrimento da China e da Rússia, esta está entre os que mais investem no país. Apoiando uma grande quantidade de projetos, a Índia investe sobretudo na área da construção e nas energias. No entanto investe também no capital humano dando inúmeras bolsas e fazendo programas de treino de mão-de-obra qualificada (Department of Defense, 2013)

Quanto aos Estados da Ásia Central (República do Turquemenistão, República do Uzbequistão e a República do Tajiquistão), estes desempenham um papel fundamental no desenvolvimento económico do Afeganistão, nomeadamente no que diz respeito ao desenvolvimento de infraestruturas que permitem a circulação de pessoas, energia e mercadorias (Mesquita, 2014). No entanto, estes três países constituem a maior rota para tráfico de droga, armas e pessoas, razão pela qual a segurança das fronteiras com o Afeganistão é um dos maiores desafios destes estados (Department of Defense, 2013). É importante salientar que estes países albergam a *Northern Distribution Network* (NDN), uma importante rede de transportes de bens, mas também material militar necessário para a ISAF.

Desde 2002 até 2009 estima-se que a República Popular da China tenha gasto cerca de 200 milhões de euros em apoio ao Afeganistão, e conta com o investimento de inúmeras companhias sobretudo na parte da exploração mineira (Department of Defense, 2013). A China tem também interesse na pacificação deste estado, pois devido à chamada nova rota

¹² Importante realçar que o Paquistão ainda tem nos dias de hoje um conflito com a Índia na região de Kashmira.

¹³ FATA é um território ao longo da antiga Durand Line que não pertence a nenhuma província paquistanesa mas sim às diferentes tribos Pasthum e Pukhtoon. Informação retirada a 28 de Fevereiro de 2018 em <http://www.understandingfata.org/about-u-fata.php>

da seda o Afeganistão será ponto de passagem obrigatória para produtos provenientes da China.

A Federação Russa tem todo o interesse em minimizar a ameaça terrorista no Afeganistão bem como acabar com o fluxo de narcóticos na Ásia Central cujo principal destino é a própria Rússia (Department of Defense, 2013). Por consequência da cimeira NATO de 2010 em Lisboa, a Federação Russa tem um importante fluxo de cargas baseada na NDN que faz circular bens em ambos os sentidos por terra e ar.

Quanto aos objetivos da República Islâmica do Irão estão “orientados para a manutenção de relações amigáveis com o NUG prevenindo o retorno dos Taliban ao poder, mas também procurando minimizar a presença e influencia ocidental no Afeganistão” (Mesquita, 2014, p. 17). Assim o Irão, a partir da ajuda humanitária tenta apoiar a minoria Hazara procurando desenvolver um sentimento pró-xiita.

Os membros do Conselho de Cooperação dos Estados Árabes do Golfo (GCC), continuam a suportar as ações da NATO no Afeganistão, oferecendo importante apoio logístico nomeadamente na cedência de bases no território dos estados do GCC. Por outro lado, há muito investimento de particulares desta região em movimentos fundamentalistas na fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão (Department of Defense 2013).

Representados pelo embaixador Mahmoud Saikal, a República Islâmica do Afeganistão tem representação nas Nações Unidas. Entre outras agências da Organização das Nações Unidas (ONU), a *United Nations Assistance Mission in Afghanistan* (UNAMA) tem uma importância expressiva. As suas principais atividades são a defesa dos direitos humanos, a cooperação regional, o desenvolvimento sustentável e a diplomacia preventiva¹⁴.

A ISAF operou em território Afegão de 2003 até 2014. Mandatada pela ONU, o principal objetivo desta instituição era proporcionar ao governo Afegão segurança em todo o território para que este com as suas recém-criadas forças armadas nunca mais volta-se a ser um santuário para organizações terroristas. Desde 2011 que essa tarefa foi gradualmente passada para as forças Afegãs, tendo o processo terminado em finais de 2014 com o encerramento desta missão. Neste momento uma missão não combatente de nome *Resolute Support* (RS) continua a operar no território afegão dando apoio às forças de segurança e instituições afegãs.¹⁵

¹⁴ Retirado do site UNAMA, consultado a 28 de Fevereiro de 2018 em <https://unama.unmissions.org/mission-statement>

¹⁵ Objetivo traduzido livremente do site da NATO, consultado a 28 de Fevereiro de 2018 em https://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_69366.htm

A União Europeia (EU), tem uma delegação na República Islâmica do Afeganistão com a finalidade de melhorar as relações já existentes com a mesma e considera-se comprometida a ajudar este país. Por outro lado considera que o Afeganistão enfrenta graves problemas na área da segurança, economia e política ¹⁶.

¹⁶Visão da EU sobre a delegação da mesma no Afeganistão traduzida livremente, consultado a 28 de Fevereiro de 2018 em https://eeas.europa.eu/delegations/afghanistan/17/about-eu-delegation-afghanistan_en

CAPÍTULO 2 – O Ambiente Operacional

Começamos assim no capítulo 2 com uma relação que se estende até ao capítulo 5 entre o IPB e a presente dissertação. Assim neste capítulo propomos definir o ambiente operacional apoiando-nos nas variáveis operacionais: Política, Militar, Económica, Social, Infraestruturas, Informações e Ambiente Físico. Para que o leitor possa perceber o ambiente operacional é necessário contextualizá-lo dentro de uma Área de Operações e de uma Área de Interesse. A nossa Área de Operações para efeitos deste trabalho é o território da República Islâmica do Afeganistão e a nossa Área de Interesse é o território da mesma acrescentando o dos estados com os quais faz fronteira: República Islâmica do Irão, República Islâmica do Paquistão, República do Tadjiquistão, República do Turquemenistão, República do Uzbequistão e República Popular da China.¹⁷

2.2. Política

“A variável política descreve a distribuição da responsabilidade e poder a todos os níveis de governo – autoridades formalmente constituídas, bem como poderes políticos encobertos ou informais” (Estado Maior do Exercito, 2015, pp. 2-10). Explicaremos como é que é distribuído o poder formalmente e depois falaremos dos poderes políticos “sombra” nomeadamente no caso dos Taliban.

A estrutura política da República Islâmica do Afeganistão divide o poder em três: o executivo, o legislativo e o judicial. Começando pelo poder legislativo, este concentra-se na Assembleia Nacional. A Assembleia Nacional é o mais alto órgão legislativo do Afeganistão e representa a manifestação da vontade de toda população. Entre os principais deveres da Assembleia Nacional destacam-se: a ratificação, modificação e revogação de leis; aprovação de políticas económicas, sociais, académicas e programas culturais; aprovação do orçamento de estado bem como a permissão para obter empréstimos; criação, modificação ou revogação de unidades administrativas; ratificação de tratados internacionais ou revogação da participação do Afeganistão nos mesmos. A Assembleia Nacional é constituída por duas assembleias: A Câmara do Povo (Wolesi Jirga) e a Câmara dos Anciãos (Meshrano Jirga). Cada mandato é de 5 anos.¹⁸

¹⁷ As razões que levam o autor a considerar esta Área de Operações e esta Área de Interesse estão esplanadas no IPB desenvolvido pelo mesmo.

¹⁸ Informação retirada do portal do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Republica Islâmica do Afeganistão, a 21 de Março de 2018 em <http://mfa.gov.af/en/page/about-afghanistan/the-islamic-republic-of-afghanistan>

Quanto à Câmara do Povo ou Wolesi Jirga, esta é eleita por sufrágio universal a cada cinco anos e elege 249 membros. Sendo que cada província tem de ter no mínimo duas mulheres. Tem a responsabilidade de dar ou não voto de confiança aos ministros escolhidos, aos membros do Supremo Tribunal de Justiça, aos membros da comissão de avaliação da implementação da constituição e ao Procurador-Geral. Tem também o direito de fazer iniciar inquéritos ou impugnar qualquer das entidades acima referidas. Á exceção do orçamento de estado, todas as leis e programas do governo devem ser primeiramente enviadas para a Câmara do Povo para retificação e aprovação. Por sua vez o orçamento de estado deve ser enviado primeiro para a Câmara dos Anciãos e só depois para Câmara do Povo.¹⁹

A Câmara dos Anciãos é constituída por 102 membros. Um terço dos quais são eleitos em nome dos concelhos provinciais para um mandato de quatro anos, outro terço em nome dos concelhos distritais de cada província por um mandato de três anos, e o último terço são membros escolhidos pelo Presidente para um mandato de cinco anos. Os membros apontados pelo Presidente têm de ser personalidades com experiencia reconhecida, sendo que metade tem de ser mulheres.²⁰

A Loya Jirga é a maior manifestação da vontade povo Afegão. Esta é constituída por membros na Assembleia Nacional, Presidentes das províncias e assembleias distritais. Podem também participar, ministros e membros do supremo tribunal. A Loya Jirga deve ser reunida para decidir assuntos relacionados com a independência, soberania nacional, integridade do território bem como questões muito relevantes do interesse nacional, pode também fazer emendas à constituição e impugnar o Presidente de acordo com o que está estipulado na constituição.²¹

O Sistema Judicial Afegão é constituído pelo Supremo Tribunal como o mais elevado órgão judicial, tribunais de recurso e tribunais primários ao nível dos distritos e províncias. Os membros do supremo tribunal de justiça são nomeados pelo presidente, com a aprovação da camara do povo. O Sistemas Judicial afegão processa-se em três instâncias: primárias, recurso e Supremo Tribunal. Todos devem ser julgados de acordo com a lei, num julgamento aberto e com direito de defesa. A sessão pode ser fechada caso seja considerado necessário. O gabinete do Procurador-Geral bem como a polícia são os responsáveis pela imposição das decisões do poder judicial.

¹⁹ Ver capítulo 5 da constituição da Republica Islâmica do Afeganistão

²⁰ Ver capítulo 5 da Constituição da République Islâmica do Afeganistão

²¹ Ver capítulo 6 da Constituição da Republica Islâmica do Afeganistão

O Presidente tem o dever de escolher os 25 Ministros, o Procurador-Geral e o Presidente do Banco Central entre outros²². Baseados na Constituição o executivo deve ter os deveres de: executar as provisões da Constituição e outras leis bem como a decisão final dos tribunais; preservar a independência, defender a integridade do território e salvaguardar os interesses e prestígio do Afeganistão no seio da Comunidade Internacional, salvaguardar os direitos dos cidadãos; manter a ordem pública e eliminar a corrupção; criar e implementar programas sociais, culturais económicos e tecnológicos; entre outros²³. O Programa do governo nos vários setores deve ser compilado pelos ministérios para ser enviado para a Assembleia Nacional onde depois de aprovado é aplicado pelo governador local nas diferentes províncias. Nas províncias o governador é o chefe do governo local e responde perante o Presidente. Nos distritos, o governador de distrito é o chefe da administração local e tem a responsabilidade de liderar as administrações locais, respondendo diretamente ao governador da província. O papel do concelho da província em cada província e do concelho do distrito em cada distrito, deve ser o de aconselhar a administração local. Nas cidades, o papel dos presidentes da câmara municipal e dos concelhos municipais é o de providenciar os serviços municipais.²⁴

Nos dias de hoje os desafios relacionados com a formação do NUG continuam bastante presentes, com implicações graves no equilíbrio de poderes e legitimação dos poderes. Muito embora o aparecimento da figura do chefe do executivo possa simbolizar que este sistema já não é presidencialista, a verdade é que o chefe do executivo não exerce os poderes que exerceria um primeiro-ministro, logo consideraremos o sistema afegão como presidencialista.

Plasmados no *Afghanistan National Development Strategy* (2008-2013), podemos ver os principais objetivos do Afeganistão enquanto estado:

1. **Segurança:** Alcançar a estabilidade nacional, reforçar a aplicação da lei e melhorar a segurança pessoal de cada Afegão
2. **Administração, estado de direito e direitos humanos:** Reforçar os processos e instituições democráticas, os direitos humanos e o estado de direito. Fazer chegar a todos os serviços públicos e responsabilidade governamental.

²² Ver Artº 64 da Constituição da República Islâmica do Afeganistão;

²³ Ver Capítulo 3 da Constituição da República Islâmica do Afeganistão

²⁴ Informação retirada do portal do Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Islâmica do Afeganistão, a 21 de Março de 2018 em <http://mfa.gov.af/en/page/about-afghanistan/the-islamic-republic-of-afghanistan>

3. **Económicos e de Desenvolvimento:** Reduzir a pobreza, garantir o desenvolvimento sustentável a partir de uma economia de mercado baseada no setor privado, melhorar os indicadores de desenvolvimento humano, e fazer um progresso significativo em relação aos *Millenium Development Goals*²⁵.

A visão do NUG referida no *Afghanistan National Development Strategy* (2008-2013), é baseada em 3 pilares:

1. Uma democracia Islâmica estável e constitucional, em paz com ela própria e com os seus vizinhos, que se mostra com toda a dignidade na comunidade internacional.
2. Uma nação tolerante, unida e pluralista que honra a tradição islâmica e as aspirações profundas de justiça, participação e igualdade de direitos para todos.
3. Uma sociedade de esperança e prosperidade baseada numa economia de mercado forte, na igualdade social, e sustentabilidade ambiental.

(Government of The Islamic Republic of Afghanistan, 2014).

Passaremos agora a explicar como é que é distribuído o poder aos diferentes níveis, criando aquele que é conhecido como o “governo sombra” Taliban. Em 2017 a liderança Taliban é encabeçada por Haiabitullah Akhundzada que tem na sua dependência quatro shuras (Quetta, Peshawar, Miran Shah e Mashad) que exercem o poder em diferentes áreas do Afeganistão. Por sua vez estas shuras dispõem de diferentes comissões encarregadas de assuntos específicos, das quais se destacam: a Comissão Política que trata de assuntos essencialmente diplomáticos; a Comissão Militar que coordena unidades táticas e o seu reabastecimento; a Comissão Financeira que trata dos orçamentos e receitas; a Comissão Cultural que gere a propaganda; a Comissão das ONG que gere o acesso a ONGs e ajuda humanitária; a Comissão das Companhias que recolhe impostos; a Comissão de Saúde que trata dos taliban feridos e treina novos médicos e enfermeiros; a Comissão da Educação que financia madraças e influencia as escolas através de subornos e chantagem; a Comissão de Justiça que gere os tribunais; e a Comissão de Recrutamento que trata do recrutamento bem como do treino (Jane's World Insurgency and Terrorism, 2017).

Para conseguir levar a presença taliban às populações as shuras dispõem de governadores de província e governadores de distritos para todas as regiões, estes são os responsáveis pela gestão dos assuntos internos da região bem como de efetuar a ligação com os níveis superiores do movimento (Giustozzi, 2017). Por sua vez estes governadores

²⁵ Ver no portal das nações unidas os 17 Millenium Development Goals, disponível em <http://www.un.org/sustainabledevelopment/blog/2015/12/sustainable-development-goals-kick-off-with-start-of-new-year/>

dispõem de uma comissão provincial composta pelos responsáveis pelos diferentes serviços públicos.

2.2.Militar

“A variável militar explora as capacidades militares e paramilitares de todos os atores relevantes (inimigos, amigos e neutros) num certo ambiente Operacional” (Estado Maior do Exército, 2015, pp. 2-11). Iremos então dividir a análise desta variável operacional em três: as forças armadas e polícias afegãs, as principais forças internacionais e as forças taliban.

Começando pelas forças oficiais do governo afegão observamos que quando foi derrubado o regime Taliban no Afeganistão, umas das maiores preocupações do Estado Transitório do Afeganistão foi garantir a segurança do povo Afegão. Para tal foi necessário reconstruir aquilo que são hoje as *Afghanistan National Security Forces* (ANSF) ou *Afghanistan National Security and Defense Forces* (ANSDF). As ANSF são constituídas por 3 ramos: o *Afghanistan National Army* (ANA), a *Afghanistan National Police* (ANP) e a *Afghan Air Force* (AAF) (North Atlantic Treaty Organization, 2013). Em termos de recursos humanos o ANA e a AAF são compostos por 195,000 homens e a ANP por 157,000 (Jalali, 2016).

O ANA está organizado de uma maneira geral em cinco corpos de exército regionais que se encontram nas cidades de: Cabul, Gardez (Paktia), Kandahar, Herat e Mazar-e Sharif (Balkh). Cada corpo de exército é tipicamente composto por três ou quatro brigadas de infantaria e diferentes batalhões (Kandaks) especializados.

Somando-se a estes temos ainda duas brigadas de reação rápida compostas por sete batalhões baseadas em Cabul e um grupo de Carros de Combate T-62 do qual não há registo de uso em operações recentes. O exército está dependente do Ministério da Defesa através de uma cadeia de comando convencional²⁶ (Jalali, 2016).

Entre os principais sistemas de armas que compõe o ANA destacamos: 634 viaturas M1117, 9,854 HMMWV e 220 MAxxPro *mine-resistant armoured fighting vehicles*, no que toca á artilharia tem 194 Obuses D-30 122mm auto propulsados e 24 15 mm M114A1 auto propulsados (Jane's Sentinel Security Assessment - South Asia, 2017). Embora seja difícil encontrar dados fidedignos sobre as capacidades da AAF, sabemos que a juntar às 100 aeronaves disponíveis em 2013 (North Atlantic Treaty Organization, 2013) foram adicionados mais 20 aeronaves A-29 Super Tucano adquiridos aos EUA (Jalali, 2016).

²⁶ Ver Apendice A

As responsabilidades do ANA são: Garantir a defesa contra ameaças externas e garantir segurança nas fronteiras; lidar com forças insurgentes e terroristas; dissolução e reintegração de grupos armados ilegais; resolução de problemas de segurança interna em cooperação com a ANP (Jane's Sentinel Security Assessment - South Asia, 2017). Este exército é essencialmente composto por unidades de infantaria ligeira. Embora não haja concordância entre todos os autores que abordamos quanto às principais falhas do ANA e da AAF aquelas que achamos mais relevantes são: A falta de meios aéreos para apoiar as operações do ANA (razão com que leva à necessidade de bastante apoio aéreo estrangeiro), a representação étnica que causa problemas internos e a elevado número de deserções.

Devido ao tipo de ameaça que se encontra no Afeganistão as forças da ANP são amplamente utilizadas como forças contra subversivas. A ANP é constituída por 5 forças: *Afghan Uniformed Police; Afghan Civil Order Police; Afghan Civil Border Police; Afghan Anti-Crime Police e Special Units*²⁷.. A Acrescentar á ANP existe também a *Afghanistan Local Police* (ALP) cujos números são difíceis de determinar (Jalali, 2016)

A 1 de Janeiro de 2015 na sequência da saída das forças da *International Security Assistance Force* (ISAF) foi lançada a RS. O Objetivo desta missão é providenciar o treino, aconselhamento e apoio necessário às forças de segurança e defesa e instituições Afegãs. Na cimeira da NATO em Varsóvia foi decidido pelos líderes aliados estender o seu mandato para além de 2016. Esta missão é constituída por 13,000 homens de diferentes estados membros, com a sua base em Cabul/Bagram e quatro mais pequenas em Mazar-e Sharif, Herat, Kadhar e Laghman. As funções chave desta missão são:

1. Apoiar o planeamento, programação e orçamento;
2. Assegurar a transparência, responsabilidade e supervisão;
3. Apoiar o estabelecimento e sustentação de processos de geração de força, recrutamento, treinos, gestão e desenvolvimento dos recursos humanos.²⁸

Com também elevada importância é a *Operation Freedom Sentinel* (OFS), conduzida exclusivamente por americanos e atua na vertente do combate ao terrorismo. A OFS conta com um efetivo de 14,000 homens e leva a cabo essencialmente missões de Operações Especiais e Apoio Aéreo, que podem ser conduzidas independentemente ou em apoio das ANSF (Special Inspector General of Afghan Reconstruction, 2018). No entanto é importante realçar que destes 14,000 homens 7,400 estão ao serviço da RS. O principal

²⁷ Ver Apêndice B

²⁸ Informação retirada do portal da NATO, a 21 de Março de 2018 em https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_113694.htm

objetivo desta missão, de acordo com o General Nicholson, é prevenir o Afeganistão de se tornar num santuário para terroristas que mais tarde possam atacar os EUA ou seus aliados. (Lead Inspetor General for Overseas Contingency Operations, 2018)

Passando agora para a caracterização das forças militares da ameaça, em 2006 o General Barrons, comandante da ISAF, afirmou que os taliban tinham uma força de cerca de 36,000 homens (Jane's World Insurgency and Terrorism, 2017), em 2017 Giustozzi afirma que a sua força estará á volta dos 60,000²⁹. O número exato de homens nunca poderá ser dito com exatidão embora possamos admitir que varie entre estes dois números. A constituição das suas forças militares encontra a sua base nas comissões militares associadas às diferentes shuras principais.

As comissões militares gerem os recursos humanos devindo-os por frentes que se dividem em equipas e alocando-os nas áreas que acharem necessárias dentro da sua área de responsabilidade. Existem também frentes autónomas com as quais as chefias das shuras negociam para chegar a acordo quanto a área em que vão atuar, qual o seu grau de empenhamento e que ações que vão executar (Giustozzi, 2017). Nas diferentes regiões existem também milícias locais que que funcionam em “*part-time*” nas diversas populações (Jane's World Insurgency and Terrorism, 2017)

No que diz respeito ao armamento usado, este é maioritariamente de origem Russa e Chinesa, podendo ser, no entanto muito variado. Entre o mais usado destacamos essencialmente as espingardas automáticas da série AK e metralhadoras da série PK. Embora o armamento possa ser muito diferente de insurgente para insurgente a grande maioria é alimentado por calibre 7,62 x 39 ou 7,62 x 54. Grande parte é obtida através de contrabando via Paquistão. (Jane's World Insurgency and Terrorism, 2017)

2.3.Económica

Neste subcapítulo iremos tentar enquadrar a variável económica baseando-nos em duas economias presentes no Afeganistão: a economia formal e a economia informal.

Quanto à economia formal, temos desde logo que identificar o ano de 2014 como um ponto de viragem. Depois de uma década de grande crescimento económico, a retirada de quase 100,000 tropas, as quais fomentavam muito a atividade nomeadamente no setor da prestação de serviços, associada à falta de capacidade de controlo do território por parte do

²⁹ Ambos os números dizem respeito às unidades moveis, ou seja, elementos cuja única ocupação é essa. Não inclui milícias locais.

NUG combinada com a corrupção bem como outros fatores que iremos abordar mais tarde, criaram uma situação muito difícil.

A economia afegã é consideravelmente dependente da sua agricultura rudimentar e altamente vulnerável a alterações climáticas. Nas cidades, a quantidade de habitantes tem aumentado, aumento esse que não se verificou nos postos de trabalho fazendo do desemprego um problema premente (Akseer, et al., 2017).

Embora não consigamos encontrar indústrias desenvolvidas no Afeganistão podemos identificar produções de pequena escala de têxteis, tijolos e sabões essencialmente. A elevada dependência de ajudas externas é outro fator que não abona positivamente para a economia da República Islâmica do Afeganistão (Campbell, O'Halon, & Saphiro, 2009).

Avaliando a balança comercial do Afeganistão, segundo dados de 2016 do *Observer of Economic Complexity* as importações foram na ordem dos 3.77 biliões de dólares enquanto as exportações renderam 482 milhões de dólares. Os principais parceiros comerciais no que toca a exportações são a Índia e Paquistão e nas importações os GCC, EUA e Paquistão. As principais mercadorias exportadas são produtos alimentares, e as importadas são maquinarias e outros bens capitais³⁰.

O valor do afghani também tem vindo a cair, sendo que em 2011 um dólar equivalia a aproximadamente 43 afghanis e em 2017 o mesmo dólar equivale a aproximadamente 69³¹. Outro indicador que baixou no ano de 2017 foi o Índice de Desenvolvimento Humano³² que fez com que a República Islâmica do Afeganistão baixa-se alguns lugares encontrando-se agora entre últimos do mundo inteiro (Akseer, et al., 2017).

Passaremos agora a avaliar a economia informal do Afeganistão. Antes de iniciar esta análise devemos ter em conta a dificuldade da sua quantificação pelo que os dados aqui presentes são apenas aproximações.

Segundo o PDE 3-49 “as economias informais, as trocas, ou intercâmbios económicos fora do controlo do estado ou transações base em dinheiro podem ter igual ou mais importância que as economias formais na compreensão do ambiente operacional” (Estado Maior do Exército, 2015, pp. 2-13), o que é precisamente o caso do Afeganistão.

Numa economia que funciona essencialmente em numerário e que os sistemas bancários oficiais apenas são utilizados nas grandes cidades é muitíssimo difícil o controlo

³⁰ Retirado de portal da Organization of Economic Complexity, a 8 de março de 2017 em <https://atlas.media.mit.edu/en/profile/country/afg/>

³¹ Ver Anexo G

³² Este indicador avalia vários fatores tais como a esperança média de vida, alfabetização entre outros.

por parte do estado. De facto, segundo dados do *United Nations Offices on Drugs and Crime* 80 a 90% da economia informal é dominado pelo sistema de *Hawalas* (Collins & Ali, 2010). As *Hawalas* são sistemas de remessas paralelos aos bancos oficiais baseados na confiança e com poucos ou nenhuns registos de atividade (Jost & Sandhu, 2010). Estas oferecem vantagens aos seus utilizadores nomeadamente em termos de custos, rapidez e simplicidade no entanto estão muitas vezes associadas ao financiamento de movimentos subversivos e organizações terroristas, razão pela qual são ilegais no Afeganistão.

A economia informal no Afeganistão é grandemente dominada pela produção, transformação e tráfico de Narcóticos. Desde o ano de 1999 em que o Afeganistão atingiu o primeiro lugar na produção de Opio a nível mundial³³, que três quartos da heroína encontrada na Europa têm a sua origem no Afeganistão (Chawala, 2003).

Embora os números possam ter decrescido após a invasão de 2001, em 2014 quando a economia entra numa fase de profunda recessão da qual não havia memória nos últimos dez anos, o único setor que beneficia é a produção do Ópio. Embora desde 2014 até 2017 tenha havido um processo evolutivo, em 2017 podemos afirmar que: existem 328,000 hectares dedicados à produção de papoilas (número nunca alcançado), existe produção de opio em 24 províncias (mais três que no ano passado), em 2016 a produção de ópio foi de 4,800 toneladas e em 2017 os números sobem para as 9,000, o valor gerado pela produção do Ópio é de 1,4 Bilhões de dólares (Haqdost, Basiret, & Lemahieu, 2017).

2.4 Social

Segundo o PDE 3-49 a variável social é caracterizada essencialmente pela sua composição cultural, religiosa e étnica (Estado Maior do Exercito, 2015). Assim sendo, abordaremos inicialmente características que consideramos determinantes para perceber uma sociedade e seguidamente uma descrição dos principais grupos étnicos.

A quantificação exata de dados referentes à orientação religiosa, étnica ou tribal é um exercício virtualmente impossível tendo em conta o conflito que se vive neste país nos últimos anos, assim os dados aqui apresentados são estimativas mais ou menos aproximadas.

O Afeganistão é composto por uma população residente de 26,023 milhões de habitantes, sendo que destes 75,8% vivem em zonas rurais (Islamic Republic of Afghanistan, 2014). A religião islâmica é praticada por 99% da população (80% Sunita e 19% Xiita),

³³ Ver Anexo H

havendo no entanto praticantes de outras religiões em alguns meios urbanos (Mesquita, 2014).

A língua oficial e simultaneamente a mais falada é o Dari, cerca de 80% da população. Quanto à pirâmide etária afegã, esta tem uma base muito grande dado que 44,6% da população tem menos de 15 anos (Collins J. , 2011). A emigração tem um papel fundamental para perceber a sociedade afegã visto que internamente estima-se que existam 1,5 milhões de deslocados e 1,5 milhões de refugiados no Paquistão somando-se 951 mil no Irão.

A distribuição étnica no Afeganistão é mais um fator que contribui para o complexo sistema sociocultural afegão. Embora possa ser importante para perceber alguns comportamentos, não pode ser generalizado. Passamos agora a uma descrição das principais etnias presentes na área geográfica estudada.

Os Pasthum são a etnia com maior presença no Afeganistão sendo que têm uma população estimada de 12 milhões que se situa na sua grande maioria no Sul e Este do país³⁴, com grande relevância para a zona que faz fronteira com as FATA (Collins, 2011). Podemos também encontrar indivíduos desta etnia ao longo de todo o território afegão, no entanto estas populações tiveram origens em migrações na sua grande maioria. Importante realçar que existem pelo menos o dobro em território Paquistão (International Security Assistance Force, 2005). Quanto à linguagem os Pasthum falam vários dialetos de Pashtu, embora muitos falem o Dari, especialmente na área de Cabul. A sua aparência física assenta numa tez clara, na sua grande maioria com barba segundo os preceitos do islão.

As principais tribos Pasthum são os Durrani e os Ghilzai, com uma estrutura tribal patriarcal. As tribos estão organizadas de uma maneira não hierárquica, o que dificulta grandemente a organização política e causa a difusão de poder. A sua religião é na sua grande maioria Islâmica sunita (Courages Services Inc, 2007).

Os Pasthum possuem a sua própria forma de “código civil” o Pushtunwali, no entanto este é por vezes contraditório com a Sharia. É comum entre os Pasthum alargarem a responsabilidade de um indivíduo a toda a sua tribo ou comunidade, o que por vezes gera conflitos mais alargados. (International Security Assistance Force, 2005).

Historicamente os Tajik aprenderam a viver com a maioria Pasthum. Há uma estimativa de 7 milhões dentro da população o que em 2011 corresponde a 25%. Podem ser encontrados com uma localização permanente no Nordeste do país³⁵, mas a sua grande

³⁴Ver Anexo B

³⁵ Ver Anexo B

maioria habita nas grandes cidades ou arredores das mesmas, com grande presença em Cabul (Martín, 2011).

A sua linguagem é de uma maneira geral o Dari, no entanto são bilingues como a maioria dos Afegãos. Têm aspeto caucasiano e a sua religião é maioritariamente o islamismo sunita (International Security Assistance Force, 2005).

A estrutura tribal desapareceu quase na totalidade, sendo substituída pelos laços familiares e o sentido de lealdade à sua comunidade (International Security Assistance Force, 2005). O sentimento de identidade tribal ou étnica não é muito presente nos Tajik.

Como todos os Afegãos, os Tajik obedecem às leis da Sharia, no entanto não são muito restritivos quanto ao cumprimento da mesma caso habitem em zonas urbanas. Quanto à resolução de conflitos, normalmente é iniciada com uma tentativa de negociação, no entanto tal como todos os afegãos se esta tentativa falhar são capazes da intimidação e por vezes brutalização do oponente para que este se submeta às suas vontades (International Security Assistance Force, 2005).

Quanto à etnia Hazara estes estão estimados em cerca de 3 milhões o que constitui aproximadamente 15% da população em 2011 (Collins, J 2011). A sua localização é maioritariamente nas zonas montanhosas do centro do Afeganistão³⁶, também conhecido com o *Hazarajat*, com destaque para as regiões à volta da província de Bamyan, podendo também ser encontrados em grande escala em Cabul³⁷.

Os membros desta etnia falam maioritariamente o Dari, podendo-o misturar com alguns dialetos consoante a área. Quanto à sua aparência, estes têm origens Mongóis pelo que se distinguem das outras etnias dominantes.

A sua religião, fator determinante na história deste povo, é o xiismo islâmico, o que os faz ter fortes ligações com o Irão. Consequentemente é a sua diferença religiosa, que lhes dá uma diferente identidade e os motiva na perseguição de objetivos políticos.

No que diz respeito à interpretação da lei, estes têm interpretações diferentes da Sharia o que cria um problema no reconhecimento da lei por parte dos Hazara uma vez que o Afeganistão tem a sua lei escrita de um ponto de vista mais sunita³⁸.

Os Hazara tal como os demais afegãos, têm um sentimento de pertença étnica muito forte, obedecendo mais aos seus próprios líderes do que aos líderes governamentais. Na sua

³⁶ Ver Anexo B

³⁷ Ver Anexo B

³⁸ Por exemplo no que toca ao texto legal associado às heranças que são tradicionalmente feitas de uma maneira bastante diferente.

relação com outros grupos étnicos estes têm historicamente experiências de discriminação por parte dos grupos étnicos com mais representação populacional (International Security Assistance Force, 2005).

Por último temos a etnia Uzbek, embora sejam o quarto grupo étnico mais presente no Afeganistão, têm uma expressão de cerca de 2 a 2,5 milhões de habitantes o que corresponde a 8% da população, eram tradicionalmente nómadas, mas agora encontram-se essencialmente em populações e aldeias no norte do país (Collins, 2011).

No entanto é ainda possível encontrar uma grande parte desta população que vive com um estilo de vida nómada. A língua mais falada no interior da sua comunidade é o Uzbek, sendo normal também comunicarem em Dari.

Têm um tom de pele mais claro que os Pashtum e Tajik. A sua religião é o islamismo sunita e na sua grande maioria não têm uma visão muito estrita das leis da Sharia (International Security Assistance Force, 2005). Comparativamente com a etnia Pasthum, não têm uma estrutura tribal definida, sendo que esta foi caindo em detrimento de um sentimento de identidade local ou familiar. Por outro lado, o sentimento familiar vincado pela autoridade paternal desempenha um papel preponderante na vida dos mesmos.

Quanto á sua relação com a lei, estes tendem a obedecer mais a tradições culturais do que a lei quer seja ela do estado ou à própria lei islâmica. Tal como os outros grupos étnicos, a sua relação com os Pasthum não é de uma forma geral boa. De facto, os Uzbeks têm uma ideia de que o grupo étnico que dominou o Afeganistão ao longo da história teve sempre tendência para beneficiar os da mesma etnia às custas dos próprios Uzbeks, mas também dos Tajik e Hazara (International Security Assistance Force, 2005). Isto pode ser verificado pelo facto de casamentos entre Uzbek e Tajik serem frequentes o que não acontece com os Pasthum (International Security Assistance Force, 2005).

O resto da população é constituída por diferentes etnias que também habitam no Afeganistão, embora tenham uma expressão mais pequena, e de maneira geral sejam provenientes de territórios associados a outros estados.

2.5Infraestruturas

Segundo o PDE 3-48 a variável infraestruturas é composta por instalações, pessoal e serviços necessários para o funcionamento de uma comunidade ou sociedade (Estado Maior do Exercito, 2015). Ora se analisarmos o Afeganistão como um todo seria demasiado exaustivo fazer uma lista de todas as infraestruturas que influenciam o funcionamento deste país. Por este motivo, e tendo em conta como vimos em cima que a população é o elemento

chave para compreender o ambiente operacional, neste subcapítulo faremos uma análise de quais os grupos de infraestruturas que afetam a vida da população e cuja posse garante nítida vantagem para qualquer uma das forças contendoras.

Tendo em conta o que foi acima dito, identificamos algumas infraestruturas que nos parecem ser as que mais têm capacidade para afetar a vida das populações quando na posse de qualquer uma das forças (Dorronsoro, 2009). Em primeiro lugar temos as estradas, de facto quem controlar as estradas de uma maneira geral consegue controlar os movimentos da população o que tem uma influência expressiva na população mas também em todas as outras variáveis operacionais. Dentro deste grupo de infraestruturas críticas que são as estradas destaca-se a *Ring Road*. A *Ring Road* circunda a cadeia montanhosa Hindu Kush e grande parte das outras estradas derivam da própria, tem aproximadamente 3,360 Km e duas faixas de circulação sem qualquer bomba de gasolina. Foi iniciada em 1961 mas com o conflito que se desenrolou nos seguintes anos parou a sua construção, apenas sendo retomada em 2001 pois foi considerada como uma grande preocupação para o recém-formado estado afegão (Freitas, 2009).

Se tivermos em conta que um dos setores que emprega mais gente no Afeganistão é a produção do Ópio, que se o movimento Taliban a controlar garante o seu financiamento e por outro lado se o governo as controlar cortam o financiamento ao seu maior adversário, podemos considerar que as plantações de Papoilas são uma infraestrutura crítica para o movimento Taliban³⁹.

De todos os serviços necessários para o bom funcionamento da sociedade afegã escolhemos três que consideramos com mais importância: os hospitais, escolas e o acesso à água potável. Embora sejam óbvias as razões para considerarmos os hospitais, escolas e acesso a água potável como infraestruturas críticas para o bom funcionamento não é adequado fazermos uma lista de todas as instalações onde são administrados. No entanto estes três serviços são vitais para o controlo da população por parte de cada um dos contendores.

2.6 Informações

A variável informações são “os elementos chave que facilitam a transferência de informação dentro das populações bem como a sua relevância para a população”⁴⁰ (Counterinsurgency Training Center - Afghanistan, 2011, p. 11). Assim sendo analisaremos

³⁹ Ver Anexo E1

⁴⁰ Tradução livre feita pelo autor.

desde logo quais os elementos chave para a transferência de informação. Como podemos ver pelo gráfico abaixo na qual estão identificados estes elementos, a informação é transferida maioritariamente através das relações estabelecidas pelos indivíduos seguindo-se depois os sistemas eletrónicos.

A relevância da informação no seio da população pode ser desde logo vista pelo esforço levado a cabo pelo NUG no desenvolvimento de campanhas de comunicação para obter vantagens para o individuo e para a população no seu conjunto (Mesquita, 2014). Num ambiente de contrainsurreição em que o terreno chave é a população, as informações e o efeito que eles têm na população é um elemento de extrema importância pelo que interessa a qualquer das forças opositoras a eficácia na transmissão de informações que vão de encontro aos seus objetivos.

Tendo em conta o inquérito levado a cabo pela *Asia Foundation* podemos analisar alguns resultados da informação transmitida pelos Taliban e pelo NUG em relação aos meios utilizados para acesso a essa mesma informação. Os utilizadores de Internet são mais críticos quanto ao seu governo quer a nível nacional quer a nível das províncias, no entanto a maior parte dos inquiridos (82,2%) responde que também não tem simpatia pelos Taliban. Entre os vários meios de acesso à informação, o grupo que responde que sente mais medo no seu dia-a-dia são os utilizadores da televisão. Os grupos que expressam mais simpatia para com o regime Taliban são em primeiro lugar os utilizadores de radio (18,2% dos inquiridos) seguidos da televisão e em último a internet.

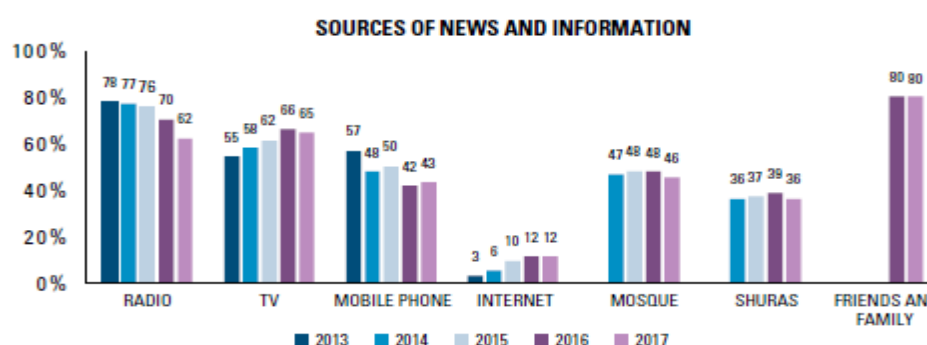


FIG. 7.1: Q-65. Do you use any of the following to obtain news and information? (a) Radio; (b) Television; (c) Mobile phone; (d) Internet; (e) Mosque; (f) Community shuras; (g) Friends and family.

Figura nº2: Fontes de Notícias e Informações

Fonte: Akseer, T., Shoaib, M., Miller, R., Sadat, S., Satkowski, C., Seese, H., . . . Yousufzai, F. (2017). *Afghanistan in 2017 - A survey of the Afghan People*. Cabul: The Asia Foundation.

2.7 Ambiente Físico

Segundo o PDE 3-49 “o ambiente físico inclui a geografia e estruturas feitas pelo homem, bem como o clima e tempo, numa área de operações. O ambiente físico afeta as táticas e operações de ambos, os insurgentes e os contra insurgentes” (Estado Maior do Exército, 2015, pp. 2-16). Dado que no capítulo 1 já foi caracterizado o ambiente físico quanto à sua geografia, e a estruturas feitas pelo homem foram analisadas no subcapítulo anterior, neste subcapítulo trataremos de analisar como é que o ambiente físico afeta as operações de ambos os lados.

O relevo no Afeganistão tem uma importância relativamente grande tanto para os insurgentes como para os contra insurgentes. Começando pelos primeiros e tendo em conta que as principais linhas de infiltração se concentram na zona Oeste na região da fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão, nomeadamente na zona das FATA percebemos desde logo que o terreno montanhoso desta região facilita a entrada aos Taliban (Jhonson & Mason, 2007).

Embora no período da invasão soviética as regiões montanhosas tenham tido um impacto brutal na capacidade que os mujahideen tinham de levar a cabo ações extremamente proveitosas para os próprios (Grau, 1996), o mesmo não se vem a passar na insurgência Taliban. Com isto não se quer dizer que em determinadas áreas o relevo não possa ser proveitoso para os Taliban, apenas se constatou que a principal zona de atividade Taliban é o Sul do país na qual o terreno não é tão acidentado.

Do ponto de vista do NUG, a principal desvantagem que o terreno lhe trás é a dificuldade de estender o seu controlo a todo o território (Freitas, 2009), dificultando assim o cumprimento dos seus objetivos nas províncias e distritos mais afastados.

Quanto à hidrografia, fauna e flora, embora possam ter efeitos nas operações de ambos os lados em regiões concretas, na generalidade do território não têm muita influência e não são utilizadas como vantagem para nenhum dos lados.

Tal como vimos acima o clima é muito diferente no Afeganistão e é provável que afete de uma maneira particular consoante a região as diferentes operações, no entanto podemos tirar algumas conclusões também na generalidade. O facto de o clima no Afeganistão ter estações bem definidas cria um fenómeno muito interessante no movimento insurgente. Dado que este país depende essencialmente da agricultura e uma das maiores fontes de receitas dos Taliban seja também a agricultura, nomeadamente a produção do Opio, é necessário ter mão-de-obra nas alturas do ano em que estas envolvem mais trabalho

(Chawala, 2003). Este facto associado dificuldade de traficabilidade das linhas de infiltração no inverno devido à neve leva a que os Taliban tenham uma “*fighting season*”. Esta estação é normalmente a primavera e é a época em que os Taliban desenvolvem mais operações (Chawala, 2003).

2.8 Resultados

Neste subcapítulo pretende-se apresentar os resultados do estudo do AO de uma forma sintética sob a forma de uma tabela.

Tabela 1: Caracterização do AO na perspetiva do NUG e na perspetiva do movimento Taliban

	NUG	Taliban
Política	Democracia ao estilo afegão	Existência de um governo sombra, que é capaz de assumir o controlo
Militar	As ANSF são superiores em alguns aspetos ⁴¹ às forças Taliban, mas devido à existência de problemas de base estes têm experimentado dificuldades em controlar o conflito.	O movimento de insurgência Taliban organiza as suas forças de uma forma descentralizada, mas que se tem mostrado eficaz.
Económica	A economia formal afegã está muito desequilibrada e excessivamente dependente de ajudas externas. Esta é corrupta e não tem fontes de rendimento expressivas.	A economia informal afegã tem uma importância tão grande ou superior à formal, e é usada em largamente para financiar o movimento Taliban. Apesar da pressão negativa da CI esta é sustentável.
Social	A República Islâmica do Afeganistão é um estado oficialmente islâmico e multiétnico. A gestão das relações entre as diferentes etnias tem que ser feita cuidadosamente	Embora seja constituído maioritariamente por elementos de etnia Pasthum a principal característica que os define é a sua visão estrita do islão.
Infraestruturas	As infraestruturas mais importantes no Afeganistão são: estradas, hospitais água.	Embora as outras infraestruturas também tenham elevada importância para o movimento, temos de acrescentar neste as plantações de papoilas.
Informações	Através da difusão de informações ambas as partes tentam provocar comportamentos propícios à implementação dos seus objetivos ⁴² .	
Ambiente Físico	Dificulta o controlo do território	Proporciona liberdade de ação ao movimento

Fonte: Elaboração Própria

⁴¹ Destes aspetos salientamos os recursos humanos, apoio aéreo e equipamento.

⁴² Ver objetivos do NUG (subcapítulo 2.2) ver objetivos do movimento Taliban (subcapítulo 4.1.3)

Capítulo 3 – Os Efeitos Do Ambiente Operacional

Tendo em conta a forma como estamos a organizar o seguinte trabalho este capítulo será o equivalente ao passo 2 do IPB, descrever os efeitos do espaço de batalha. Apoiados na informação que recolhemos no primeiro passo do IPB, tentaremos perceber e identificar quais os pré-requisitos que fazem com que uma insurgência possa existir (Counterinsurgency Training Center - Afghanistan, 2011). Neste capítulo tentaremos também identificar quais as razões de base subjacentes aos pré-Requisitos que permitem aos insurgentes ter liberdade de ação. No PDE 3-49 os pré-requisitos abordados são: oportunidade, causas e meios. No entanto também aborda como método adicional de análise os pré-requisitos falados no *Coounterinsurgent's Guidebook* (Estado Maior do Exército, 2015). Dado que estamos a seguir o método sugerido no segundo, os pré-requisitos que iremos abordar são: a população vulnerável, liderança disponível e a falta de controlo governamental.

3.1 Pré-requisitos de uma Insurgência

Sendo a população vulnerável se “as pessoas tiverem queixas reais ou subentendidas que os insurgentes possam explorar”⁴³ (Counterinsurgency Training Center - Afghanistan, 2011, p. 14). Tendo como base o estudo feito pela Asia Foundation podemos tirar algumas conclusões sobre este assunto. Quando inquiridos sobre se o país estava a ir na direção correta ou errada 61% respondeu que estava a ir na direção errada (Akseer, et al., 2017). Ora partindo do princípio que as pessoas respondem que o país está a ir na direção errada porque têm queixas associadas, podemos dizer que 61% da população é vulnerável à exploração por parte da insurgência. É importante notar que o facto de a população estar descontente com o trabalho do NUG não quer necessariamente dizer que apoie a insurgência.

Quanto à liderança disponível, esta é descrita da seguinte maneira: “Tem que haver um elemento de liderança que consiga dirigir as frustrações da população. Se os insurgentes conseguirem recrutar, cooptar e exercer coerção sobre os líderes locais ou os líderes locais forem parte do movimento, estes líderes poderão dirigir as frustrações da população”⁴⁴ (Counterinsurgency Training Center - Afghanistan, 2011). De facto, o governo sombra Taliban tem a capacidade de em bastantes regiões apresentar uma liderança alternativa capaz de dirigir as frustrações da população. No entanto é necessário perceber que as estruturas de

⁴³ Tradução livre feita pelo autor

⁴⁴ Tradução livre feita pelo autor

comando regional Taliban, em muitos casos, causam mais queixas e frustrações que o governo local na dependência do NUG, portanto diremos que este pré-requisito está a 50%.

Por último temos a falta de controlo por parte do governo, esta é caracterizada pela “falta de controlo governamental real ou percecionada que permite aos insurgentes operar sem qualquer interferência ou com pouca interferência das forças de segurança”⁴⁵ (Counterinsurgency Training Center - Afghanistan, 2011, p. 14). Analisando o anexo F, e ainda que esteja desatualizado, conseguimos perceber a realidade vivida no Afeganistão. Em grande parte do território (72%) as forças de segurança e defesa afegãs não conseguem controlar a população nem prevenir ações insurgentes.

Assim concluímos que os três pré-requisitos estão presentes no Afeganistão. Por outro lado, nem toda a população é vulnerável, dado que nem toda a população acredita que o NUG está a fazer um bom trabalho. Existe uma liderança disponível, no entanto esta liderança não é capaz de resolver os problemas da população. A falta de controlo por parte do governo torna fácil ao movimento insurgente exercer a sua influência na população.

3.2 Razões de Base

As razões base, tradução do inglês de *Root Causes*, são segundo o FM 3-24-2 as razões de base das queixas entre as populações (Headquarters of The Army, 2009). Ora se tivermos em conta que 61% dos inquiridos respondeu que o Afeganistão não está a ir na direção certa, temos que analisar as razões que os levam a ter essa opinião (Akseer, et al., 2017).

Analisando a figura 3 encontramos as razões do pessimismo associado ao caminho que o NUG está a seguir. Assim tendo em conta os seis exemplos de razões base apresentados pelo *Counterinsurgent's Guidebook* (Identidade, Religião, Ocupação ou Exploração, Falhanço Económico, Corrupção e Expectativas não cumpridas) faremos uma comparação para tentar perceber que razões é que estão presentes no nosso objeto de estudo.

Comparando estas razões de causa com a figura 3, podemos logo identificar algumas. Falhanço económico é uma das razões mais apontadas para o pessimismo. Quanto às expectativas não cumpridas, os objetivos do NUG acima descritos, são de uma maneira geral: a segurança, administração de estado e de direitos humanos e económicos e desenvolvimento. Dentro destes objetivos, dois deles são os mais apontados pelos afegãos

⁴⁵ Tradução livre feita pelo autor.

como principais razões para o pessimismo, logo podemos dizer que uma das razões de base são as expectativas não cumpridas.

Dado que na maioria dos afegãos não respondeu que as principais razões para o pessimismo são de foro religioso, não podemos dizer que a religião está nas razões de base. A Ocupação como podemos ver na figura não é uma das razões apontadas para o pessimismo, logo também não é uma razão de base.

Quanto à corrupção baseados na figura 4, vemos que este é apontado como um problema muito grande quer seja no dia-a-dia quer em todo o Afeganistão, o que nos leva a apontar a corrupção como mais uma razão de base. Quanto à identidade, esta pode de facto ser uma razão base entre alguns grupos dentro de determinadas etnias, mas dado que estamos a analisar a população como um todo não a podemos incluir dentro das razões base.

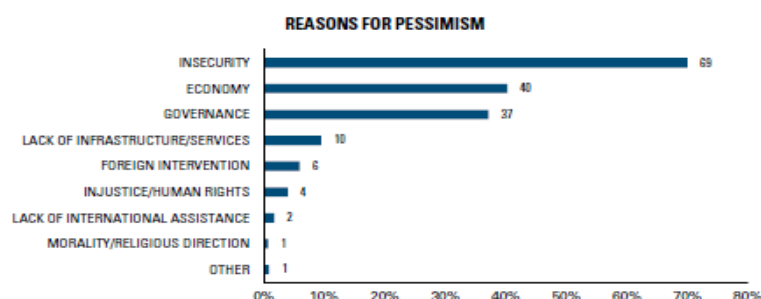


FIG. 1.8: Q-3. (If Q-2 answer is "wrong direction") What are two reasons you think that Afghanistan is going in the wrong direction?

Figura nº 3: Razões para o pessimismo

Fonte: Akseer, T., Shoaib, M., Miller, R., Sadat, S., Satkowski, C., Seese, H., . . . Yousufzai, F. (2017). *Afghanistan in 2017 - A survey of the Afghan People*. Cabul: The Asia Foundation.

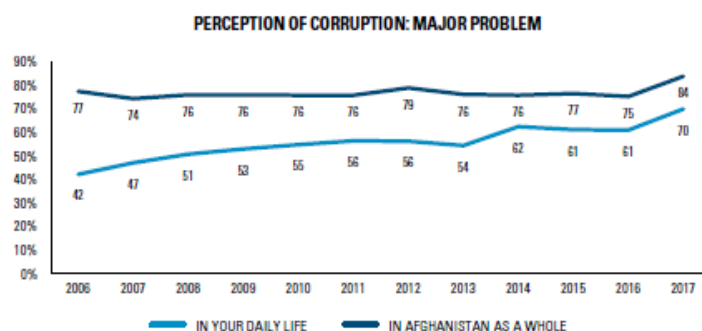


FIG. 5.3: Q-42. Please tell me whether you think corruption is a major problem, a minor problem, or no problem at all in the following areas. (a) In your daily life. (b) In Afghanistan as a whole. (Percent who report "major problem.")

Figura nº4: Perceção da Corrupção como um problema

Fonte: Akseer, T., Shoaib, M., Miller, R., Sadat, S., Satkowski, C., Seese, H., . . . Yousufzai, F. (2017). *Afghanistan in 2017 - A survey of the Afghan People*. Cabul: The Asia Foundation.

3.3 Resultados

Apoiados nas seguintes tabelas pretendemos exprimir de uma forma sintética aqueles que foram os principais resultados do subcapítulo.

Tabela nº2: Grau de Operacionalidade dos Pré-Requisitos

PRÉ-REQUISITOS	População Vulnerável	61%
	Liderança Disponível	50%
	Falta de controlo por parte do Estado	72%

Fonte: Autoria Própria

Tabela nº3: Razões de Base

RAZÕES DE BASE	Identidade	
	Corrupção	•
	Religião	
	Ocupação ou Exploração	
	Falhanço Económico	•
	Expectativas não cumpridas	•

Fonte: Autoria Própria

Capítulo 4 – A Ameaça

Tendo em conta a definição de ameaça acima mencionada, e focando-nos naquilo que são ameaças irregulares podemos identificar várias no Afeganistão, no entanto tal com foi acima explicado iremos focar-nos apenas na ameaça Taliban. Este capítulo é uma aproximação ao terceiro passo do IPB, “Avaliar a Ameaça”. Para a elaboração deste capítulo iremos caracterizar a ameaça, analisando as suas dinâmicas para depois identificar as suas estratégias bem como os seus pontos fracos.

4.1 Dinâmicas da Ameaça

Para compreender a natureza de uma insurgência é necessário entender a estratégia insurgente. Por sua vez, para compreender a estratégia da insurgência temos que compreender a dinâmica da insurgência, esta dinâmica é uma estrutura para a compreensão da insurgência (Estado Maior do Exército, 2015). Assim iremos mencionar de forma sintética as oito dinâmicas da insurgência que estão descritas no *Counterinsurgent's Guidebook* e que coincidem com aquelas que estão explanadas no PDE 3-49, à exceção das causas que já foram abordadas no capítulo anterior. Dado que o na nossa AOP existem outros grupos e organizações que também podem ser considerados como ameaças, iremos acrescentar uma dinâmica que aborda a sua relação com os mesmos.

4.1.1 Liderança

A partir de 2001 o movimento iniciou um esforço para se reagrupar no Paquistão, e começou a levar a cabo ações violentas contra as forças do governo afegão e forças da ISAF, tendo como líder o seu fundador Mullah Omar. Quando em 2015 foi confirmada a sua morte assume a chefia do grupo Mullah Mansour que é morto em 2016 por um ataque de drone. Na sequência da sua morte a liderança recai no atual líder Hibatullah Akhundzada. Os diferentes líderes deste movimento são também chamados de Emir Al Muminin, que quer dizer líder dos que acreditam, e considerados como emires dos Taliban (Giustozzi, 2017).

Embora até 2008 o comando do movimento estivesse centrado no seu líder e na Rahbani Shura, constituída pelas figuras mais importantes entre os taliban, até aos dias de hoje sofreu algumas fragmentações. Como podemos ver na figura 5, a estrutura desta organização está dividida em quatro shuras principais que se consultam mutuamente. Estas estão encarregadas de porções distintas de território e organizam-se segundo a figura 5 (Giustozzi, 2017). Acrescentando aos órgãos que podemos ver na imagem somam-se

também as várias comissões (Política, Militar, Financeira, Cultural; ONG, Companhias, Saúde, Educação, Justiça e Recrutamento) que têm como objetivo criar um governo sombra encabeçado pelos Taliban (Jane's World Insurgency and Terrorism, 2017).

A chefia deste movimento insurgente enfrenta nos dias de hoje algumas fragmentações. O início dos problemas entre a liderança Taliban começa em 2007 quando a shura de Miran Shah (maioritariamente composta por elementos da rede Haqqani) se declara autónoma, o que leva a que em 2009 a shura de Peshawar siga pelo mesmo caminho. As razões que levam a esta desintegração são várias no entanto estão muito associadas ao desaparecimento do fundador e chefe do movimento Mullah Omar (Giustozzi, 2017). Em 2015 as shuras voltam-se a unir sendo novamente encabeçadas pela shura de Quetta mas dando mais autonomia às restantes (Jane's World Insurgency and Terrorism, 2017). Nos dias de hoje é possível observar uma crescente divergência entre duas figuras de relevo dentro do movimento: Haibatullah Akhundzada, atual emir e aquele que é considerado o homem forte do movimento Serajuddin Haqqani. (Giustozzi, 2017).

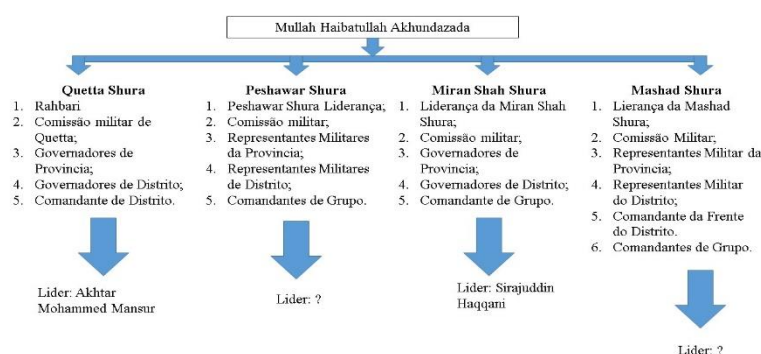


Figura nº5: Estrutura Taliban

Fonte: Elaboração Própria

4.1.2 Ideologia

Quanto à ideologia defendida por este grupo iremos caracterizá-la como radical islâmica em primeiro lugar e nacionalista Pasthum em segundo. De facto estes acreditam numa interpretação bastante estrita da Sharia e a maioria defende o Wahabismo, tal como podemos ver quando estes assumiram o poder em 1996 e pelo facto de serem maioritariamente Pasthum afastando as outras etnias do poder (Dorrnsoro, 2009).

4.1.3 Objetivos

Quanto aos seus objetivos para o seguinte trabalho, apenas consideramos aqueles que são os objetivos políticos do movimento, uma vez que analisamos o movimento como um

todo. Consideramos três principais: a remoção de todas as tropas internacionais, a demissão do NUG e a restauração do Emirado Islâmico do Afeganistão. A razão que nos leva a considerar como sendo estes os objetivos do movimento Taliban é em primeiro lugar uma declaração do grupo na altura da “*fighting season*” de 2010 que enfatiza que o Emirado Islâmico do Afeganistão mais uma vez exige a saída de todas as tropas internacionais de território afegão (Jane's World Insurgency and Terrorism, 2017). Quanto ao segundo objetivo, consideramos que o facto de o movimento Taliban manter uma estrutura fantasma de governação pronta para entrar em ação, mostra que têm como objetivo restaurar o antigo regime, pois se o seu objetivo fosse apenas a retirada das tropas internacionais, não precisariam desta constituição. Quanto à deposição do NUG, consideramos como objetivo porque é implícito ao anterior.

4.1.4 Ambiente e Geografia

Dado que já abordamos esta dinâmica acima quando foi estudado a variável operacional do ambiente físico, iremos neste subcapítulo descrever apenas aquela que é a principal vantagem e desvantagem do ambiente e geografia na opinião do autor. A principal vantagem que a geografia traz aos insurgentes está no terreno montanhoso presente na região fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão, dado que este lhe confere proteção necessária para infiltração de insurgentes e equipamento. Por outro lado, o facto de este terreno ter grande altitude leva a que no inverno grande parte esteja coberta de neve, o que impossibilita a mesma passagem de tropa e material.

4.1.5 Apoio Externo

No seguinte subcapítulo trataremos de analisar o apoio vindo de entidades exteriores. No caso concreto do movimento Taliban, este apoio externo tem lugar na sua grande maioria na República Islâmica do Paquistão. Não é um exercício fácil caracterizar a relação da República Islâmica do Paquistão neste conflito, no entanto temos de ter em conta que ao contrário daquilo que foi feito no primeiro capítulo, neste subcapítulo estudamos a relação do estado anteriormente referido com o movimento Taliban e não com a República Islâmica do Afeganistão.

No Paquistão podemos encontrar a grande parte da estrutura logística que permite ao movimento Taliban operar em território afegão (Setas, 2013). Por essa razão desde a invasão de 2001, os EUA e OTAN várias vezes apontam a República Islâmica do Paquistão como um dos maiores entraves para a remoção dos Taliban do Afeganistão (Tellis, 2010). A partir

dos santuários Taliban, nas regiões das FATA e Baloquistão, as grandes estruturas de liderança do movimento dirigem as operações, com poucos ou nenhuns problemas, e muitas vezes ajudados pelos serviços secretos paquistaneses (ISI) (Setas, 2013). Embora nos últimos anos tenhamos visto a captura de alguns líderes Taliban em território paquistanês pelas autoridades locais, muitos autores defendem que esse facto está mais associado à tentativa de parar o movimento Taliban com objetivos no Paquistão do que o movimento que atua no Afeganistão (Tellis, 2010).

Embora possa parecer contraditório o Irão tem também relações oficializadas com o movimento Taliban, facto que se materializa pela delegação do movimento em Mashad. A razão pela qual isto acontece é o facto de terem adversários em comum, nomeadamente os EUA e o ISIS-K. Os EUA na medida em que temem que o Afeganistão se torne numa base para operações no Irão, o ISIS-K pela sua ideologia claramente anti-xiita⁴⁶

4.1.6 Apoio Interno

É sabido pelos elementos de chefia que o movimento Taliban não tem capacidade de competir com o governo no que toca ao acesso aos serviços mínimos. Por este motivo os Taliban agem de diferentes formas consoante o tipo de população da área (Dorransoro, 2009). Em zonas em que não se verifica a existência ou são escassos os serviços prestados pelo estado, o movimento insurgente tem facilidade em adquirir o apoio popular oferecendo vantagens àqueles que colaboram. Por outro lado, nas populações com acesso a mais vantagens trazidas pelo governo é mais frequente o uso de medidas coercivas que servem como exemplo para aqueles que são contra o movimento (Giustozzi, 2017).

Tendencialmente as comissões locais do movimento Taliban são formadas por milícias locais com ligações com a região na qual atuam, exceção feita às comissões militares e aos tribunais (Giustozzi, 2017). Este facto permite que os líderes Taliban locais façam uma gestão entre as necessidades da população e as ordens emanadas de entidades superiores na sua cadeia de comando.

No entanto não pode de maneira nenhuma ser dito que a população se sente a vontade quando está em zonas de influência Taliban. Segundo os inquéritos feitos pela *Asia Foundation* 92,3% da população sente medo de se encontrar com elementos deste movimento (Akseer, et al., 2017)

⁴⁶ Informação retirada do portal do Middle East Institute, a 13 de Abril de 2018 em <http://www.mei.edu/content/article/iran-s-taliban-gamble-afghanistan>.

4.1.7 Faseamento e Tempo de Uma Insurgência

Apoiados na figura abaixo, podemos ver as três fases de uma insurgência que são descritas no *Counterinsurgent's Guidebook*. No seguinte subcapítulo iremos descrever as principais Técnicas Táticas e Procedimentos (TTP), para perceber qual a fase em que encontra.

Entre as principais ações levadas a cabo por este movimento podemos identificar o uso de IED simples, as emboscadas, o assalto a posições fixas raptos e assassinatos. Podemos distinguir estas ações desde logo se tivermos em conta o objetivo de cada uma delas. Enquanto os IED simples, raptos e assassinatos têm normalmente a finalidade de dar grande cobertura mediática às suas ações e de angariar fundos especialmente quando falamos de raptos, os assaltos a posições fixas e emboscadas têm como objetivo acabar com a capacidade de controlo do NUG nas regiões mais remotas do país.

As emboscadas feitas por pequenas unidades sempre foram uma tática corrente deste movimento desde a altura da invasão soviética. São normalmente feitas nas estradas principais e estão muitas vezes combinadas numa fase inicial com fogo direto de RPG e ou detonação de IED (Ali & Lester , 2009). Quanto aos assaltos a posições fixas, estes não são tão frequentes como emboscadas. No entanto tem-se registado nos últimos anos cada vez mais ambição no tipo de operações levadas a cabo pelos taliban (Jane's World Insurgency and Terrorism, 2017). São normalmente efetuados por unidades mais bem treinadas e com melhores equipamentos que poderão ser equiparadas ao escalão de companhia (Meyerle & Malkasian, 2009).

A explosão de IEDs é uma das principais causas de mortes no Afeganistão entre as fileiras das ANSF. Estes têm crescido no que toca à sua sofisticação, e letalidade. Estrategicamente têm uma importância enorme dada a sua cobertura mediática. Os Assassinatos são muitas vezes levados a cabo com o objetivo de destabilizar e acabar com a influência do governo em determinadas regiões bem como estabelecer um exemplo para o resto da população, as principais vítimas são elementos com influência na população de ideologia pró-governamental. Por outro lado, por vezes estes incidem em figuras públicas de relevo para que a cobertura mediática seja maior, exemplo disto foi o assassinato do meio-irmão do ex-presidente Hamid Karzai em 2011 (Jane's World Insurgency and Terrorism, 2017). Temos também o rapto que é feito como fonte de financiamento, sendo cada vez mais vulgar com ênfase nas zonas fronteiriças entre o Paquistão e Afeganistão (Collins & Ali, 2010).

Os principais alvos que são vítimas das ações acima descritas são por esta prioridade: as forças das ANSF, elementos do governo afegão e forças militares internacionais (Jane's World Insurgency and Terrorism, 2017).

Conforme o que foi acima descrito, e comparando com a tabela que se encontra abaixo podemos então dizer que o movimento está claramente na segunda fase. No entanto se tivermos em conta que tem sido um feito um esforço para alcançar centros populacionais cada vez maiores, que existem já áreas remotas sob o domínio da insurgência e que em algumas regiões específicas a administração civil já colapsou, reparamos indícios fortes de uma transição para a terceira fase.

Phase I Latent and Incipient	Phase II Guerrilla War	Phase III War of Movement
Popular support	Regular guerrilla ops	Seize urban areas
Propaganda	Disrupt government	Prepare remote areas
Intelligence network	Hit and run attacks	Support of majority (pop.)
Sabotage + Infiltration	Avoid deliberate battle	Decisive battles
Organize cells	Inability to protect populace	Conventional tactics
Recruiting + training	Prep AO	Collapse of civil admin.
Political organization	Stockpile logistics	Gov. intel destroyed
Disrupt LOCs	Improve intelligence	Gov. react as insurgents wish
Demonstration/riots	Prepare ingress and egress routes	Infiltrate government
Terrorism	Force HNSF across	Linked to legitimate
External support		

Figura nº 6: Fases de uma insurgência

Fonte: Counterinsurgency Training Center - Afghanistan. (2011). *A Counterinsurgent's Guidebook*. Cabul.

4.1.8 Padrões Organizacionais e Operacionais

Embora tenhamos já abordado o padrão organizacional do movimento insurgente quando estudamos a sua liderança e quando estudamos a variável operacional política, dedicar-nos-emos neste subcapítulo a tentar perceber o seu padrão operacional. Mais uma vez para conseguirmos focar melhor o nosso estudo servir-nos-emos da abordagem proposta pelo PDE 3-49 para caracterizar os cinco pontos da insurgência em operações: Estrutura organizacional e redes, aprendizagem e adaptação, recrutamento, formação, treino e recursos.

Quanto à estrutura organizacional, sabemos que “a insurgência usa a divisão de responsabilidades em células compartimentadas e em rede para tentar ser resiliente” (Estado Maior do Exército, 2015, pp. 3-33). De facto, as diferentes shuras têm também uma estrutura que se divide em células. Embora todas dependentes da shura de Quetta, a shura de Peshawar dirige as operações no Norte, a shura de Miran Shah as operações nas províncias Paktia, Paktika e Khowst, a shura de Quetta as operações no Sul sendo que a shura de Mashad controla a província de Helmand (Jane's World Insurgency and Terrorism, 2017). A divisão

em rede pode também ser observada na rede Haqqani da qual o movimento depende fortemente (Weinbaum & Babbar, 2016).

Para que uma insurgência seja bem-sucedida esta deve aprender a adaptar-se (Estado Maior do Exército, 2015). De facto, desde a invasão de 2001 liderada pelos EUA este grupo soube-se sempre adaptar. Vendo o exemplo da liderança Taliban que passou de uma estrutura centralizada para uma estrutura em que figuras como Mullah Osmani, Mullah Baradar e Mullah Dadullah morrem e pouco ou nada afeta o seu crescimento enquanto movimento, temos um bom exemplo de adaptação (Dorransoro, 2009). Noutro campo, a forma como a propaganda se adaptou ao uso de meios como a internet, criando um site oficial ligado ao Emirado Islâmico do Afeganistão é outro exemplo de adaptação. Como estes exemplos poderíamos encontrar vários que provam que o movimento é capaz de se adaptar conforme a fase e o AO em que se encontra.

O recrutamento dá-se de maneiras diferentes de acordo com o tipo de unidade para a qual estão a recrutar. Tipicamente o recrutamento para as unidades móveis pode ter origem de três maneiras. A primeira e mais comum são os jovens juntarem-se às fileiras do movimento Taliban depois de terem contacto com elementos desta organização nas madraças. A influência que os Taliban têm nas madraças, com destaque para as do Paquistão, é notável (Giustozzi, 2017).

A segunda razão que faz encher as fileiras das unidades móveis Taliban são os alunos das escolas regulares, que querem fazer parte da jihad e por isso escolhem os Taliban por serem aqueles com mais ligações ao território afegão. Por último temos aqueles que também podem ser chamados de mercenários dado que combatem apenas pelo dinheiro que lhes é pago. (Jane's World Insurgency and Terrorism, 2017). Para termos uma perceção da dimensão deste tipo de recrutamento, em 2010 o salário de um soldado que servisse em áreas de conflito era de 240 \$ por mês, enquanto o de um Taliban estaria na ordem dos 250 a 300 \$ (Collins & Ali, 2010)

Quanto às milícias locais o processo é completamente diferente. Estas são recrutadas normalmente no seio de populações de pequena dimensão, e são feitas de acordo com a aceitação dos anciões da aldeia e mediadas pelos mullahs. Depois de fazerem parte da organização, respondem diretamente ao comandante militar da região, no entanto os anciões exercem grande influência nos mesmos. A presença destas milícias é em muitos casos bem vista pela comunidade porque defende a população contra combatentes estrangeiros, traficantes ou até outros Taliban (Giustozzi, 2017).

O treino dos elementos do movimento tem ocupado um papel cada vez mais importante na organização. Pensa-se que os principais campos de treino estejam nas regiões das FATA, e no Baloquistão paquistanês e iraniano (Jhonson & Mason, 2007). Embora nos primeiros anos após a invasão de 2001 os insurgentes parecessem ter um treino de baixo nível baseado na vertente tática de operações de pequena escala, nos dias de hoje a insurgência mostra ter mais experiência e educação no que diz respeito à guerra assimétrica (Jane's World Insurgency and Terrorism, 2017). É necessário também realçar que nem todas as unidades têm o mesmo tipo de treino, destacando-se a rede Haqqani pelo seu nível de disciplina e perfeccionismo (Weinbaum & Babbar, 2016).

A fim de manter a dinâmica e sustentar as operações é necessário que haja recursos, assim abordaremos agora aqueles que nos parecem mais importantes para a sustentação do movimento. O Financiamento do movimento Taliban é algo de extrema importância para percebermos as capacidades e logísticas do movimento. As principais fontes de receitas que fazem o movimento continuar a trabalhar são: o tráfico de ópio, doações, extorsão, rapto e contrabando de diversas mercadorias (Collins & Ali, 2010) .

Quanto ao tráfico de Ópio é necessário ter em conta que o processo normalmente não é feito diretamente pelos taliban, estes protegem todas as infraestruturas associadas às redes de tráfico e emprestam dinheiro aos agricultores para que possam comprar as sementes tudo isto com vista a receber percentagens dos valores associados à venda dos mesmos (Collins & Ali, 2010). Se tivermos em conta que no Afeganistão estima-se que existam 328,000 hectares reservados para a plantação de papoilas conseguimos perceber a importância deste meio de financiamento (Haqdost, Basiret, & Lemahieu, 2017). Embora seja impossível estimar a quantidade de dinheiro que o tráfico de ópio faz entrar nos cofres Taliban estima-se que esteja entre os 100 milhões e os 500 milhões de dólares (Collins & Ali, 2010).

Quanto às doações por agentes externos estas são extremamente difíceis de localizar devido ao sistema das hawala agravado pelo facto de no Afeganistão a economia ser essencialmente em numerário. Estima-se que as doações constituam 15% das receitas anuais dos Taliban, e que essas doações venham essencialmente dos países do golfo e arábia saudita (Collins & Ali, 2010). Devido à deterioração das condições de segurança empresários legítimos vêm-se obrigados a pagar percentagens das suas receitas em troca de proteção. No entanto isto não acontece apenas com pequenos e médios empresários. Investigadores acreditam que são pagas grandes quantidades de dinheiro aos Taliban para que ofereçam proteção às atividades levadas a cabo pelas maiores empresas do país, muitas das quais

financiadas por ajudas externas nomeadamente norte-americanas (Collins & Ali, 2010), o que pode ser visto com alguma ironia.

Quanto aos raptos estes são feitos maioritariamente no Paquistão e as principais vítimas são jornalistas, empresários e trabalhadores de ONG. Para termos uma noção da expressividade deste mercado, os resgates variam entre os 10,000 \$ até aos 5,000,000 \$ como foi o caso do rapto de missionários sul-coreanos em 2007. Este negócio tem sido largamente subcontratado nos últimos anos. Pequenos grupos criminosos raptam determinados indivíduos e vendem-nos aos Taliban que se encarregam das negociações (Collins & Ali, 2010). O contrabando assume também um papel preponderante no financiamento deste movimento. As mercadorias que são alvo de contrabando são as mais variáveis possíveis desde cigarros até pedras preciosas extraídas no Paquistão (Collins & Ali, 2010).

Os recursos são aqueles abordados no subcapítulo da variável militar, nomeadamente no que toca ao armamento.

4.1.9 Alianças e Rivalidades com Organizações Terroristas e Movimentos Subversivos

Neste subcapítulo caracterizaremos a relação dos Taliban com aqueles que consideramos serem as mais importantes organizações terroristas e movimentos subversivos que atuam na região.

Embora atue em sintonia com a shura de Quetta, a rede Haqqani é um organismo autónomo. Esta é considerada a mais bem disciplinada e mais bem treinada das frentes Taliban, embora não possa ser considerada como uma dependência das shuras principais até porque financeiramente é absolutamente autónoma (Weinbaum & Babbar, 2016). Tem laços fortes com a grande maioria das organizações terroristas da região e atua principalmente nas províncias de Paktika, Paktia e Khowst. Foi fundada por Jalaludin Haqqani e nos dias de hoje a chefia da rede é assegurada pelo seu filho Serajuddin Haqqani, que se pensa ser também o líder da shura de Miran Shah. É também vista como um braço mais radical do movimento Taliban (Weinbaum & Babbar, 2016)

Quanto ao grupo Hizbi-I-Islami-Gulbuddin, embora partilhe da mesma ideologia e de um propósito comum as relações entre estes dois grupos são complexas. Em 1996 devido a algumas disputas, o líder desta organização recusou-se juntar ao grupo aquando da fundação do Estado Islâmico do Afeganistão. Em 2001 este grupo volta a entrar em ação, embora não tenha jurado fidelidade a Mullah Omar. Nos últimos anos tem havido tensões entre ambos os grupos. (Jane's World Insurgency and Terrorism, 2017)

Quando em 1996 Osama Bin-Laden se muda do Sudão para o Afeganistão iniciam-se os laços entre esta organização terrorista e o que na altura eram as milícias Taliban. Desde esse momento Mullah Omar e o líder da Al-Qaeda criam uma relação que na prática resulta na liberdade de movimentos e possibilidade de treino para as forças de Osama Bin Laden e ajuda financeira para o novo regime Taliban recentemente implantado (Jhonson & Mason, 2007). Nos dias de hoje pensa-se que o movimento Taliban esteja a afastar-se da organização terrorista da Al-Qaeda havendo no entanto, fações que privilegiem esta relação, nomeadamente a rede Haqqani (Giustozzi, 2017).

Antes da invasão de 2001 o Movimento Islâmico do Uzbequistão encontrou santuário em território Afegão a abrigo do governo vigente. Embora hoje em dia a força desta organização tenha desvanecido há registo de atividades Taliban na zona Norte do país, nomeadamente na província de Balkh, apoiadas por membros do Movimento Islâmico do Afeganistão (Jane's World Insurgency and Terrorism, 2017).

O mais recente ator que aparece no território da República Islâmica do Afeganistão é o Estado Islâmico do Khorasan, também conhecido como ISIS-K. Tendo em conta as aspirações do Estado Islâmico que opera na região do Iraque e Síria, estas fazem com que se lancem para o território que os próprios consideram como o Khorasan que não é unicamente, mas engloba o território afegão. Embora o ISIS-K numa primeira fase tenha começado por conseguir roubar alguns militantes ao movimento Taliban através de uma propaganda bem conseguida, a resposta foi uma serie de confrontos com mais sucesso por parte dos Taliban (Jane's World Insurgency and Terrorism, 2017). Nos dias de hoje o ISIS-K é quem faz mais ações na região de Cabul, no entanto não exerce quase nenhuma influência no território afegão, exceção feita a Cabul e algumas províncias circundantes (United Nations Assistance Mission in Afghanistan, 2018).

4.3 As estratégias da ameaça

Tendo em conta as estratégias insurgentes utilizadas ao longo da história, tentaremos enquadrar o movimento insurgente Taliban dentro das várias possibilidades. Esta técnica é feita normalmente pelos contra insurgentes para conseguir antecipar a ameaça, na presente dissertação serve apenas como mais um método de caracterização da ameaça.

No *Counterinsurgent's Guidebook* podemos identificar seis estratégias de uma insurgência, dentro destas podemos ainda dividir em três grupos: as básicas (Urbana e Militar) as avançadas (Popular e Subversiva) e as misturadas (Focada na Identidade e nas Compostas e Alianças).

Sendo que estamos a analisar apenas a insurgência Taliban, centralizada de uma maneira geral na liderança de Haibatullah Akhundzada e na shura de Quetta, consideraremos que esta usa a estratégia focada na identidade. Esta estratégia “mobiliza o apoio baseado numa identidade comum. Nesta estratégia o apoio popular e a legitimidade estão ligados à identidade do grupo insurgente e muitas vezes não é feito qualquer tipo de esforço para ganhar apoio popular fora da sua identidade”⁴⁷ (Counterinsurgency Training Center - Afghanistan, 2011). De facto, os Taliban não fazem um grande esforço para ganhar apoio popular das outras etnias que não os Pashtuns e o apoio é mobilizado a partir da ideologia comum ao movimento insurgente.

Por outro lado, se analisarmos o movimento Taliban separado nas várias shuras e redes que o compõem podemos também aproxima-lo da estratégia Composta e de Alianças, dado que esta consiste em diferentes grupos com diferentes estratégias que combinam forças de maneira a alcançar um objetivo comum (Counterinsurgency Training Center - Afghanistan, 2011).

4.4 Os elementos da ameaça

Neste subcapítulo trataremos de analisar os elementos que constituem o movimento da insurgência Taliban. Mais uma vez teremos como base duas publicações essenciais o PDE 3-49 e o *Counterinsurgent's Guidebook*. Embora no PDE 3-49 possamos identificar seis elementos de uma insurgência no *Counterinsurgent's Guidebook* podemos apenas identificar cinco sendo que estes cinco são comuns em ambas as publicações. Assim os elementos comuns são: a liderança, as guerrilhas, os elementos auxiliares, os elementos clandestinos, e os seguidores sendo que na publicação portuguesa temos ainda os quadros.

Quanto à liderança, esta providencia uma direção para a insurgência (Counterinsurgency Training Center - Afghanistan, 2011), que é exatamente o que podemos ver nas diferentes shuras. No que diz respeito às guerrilhas, enquadrando dentro do movimento Taliban estas são compostas pelas unidades móveis e pelas milícias locais de que o grupo dispõe. Passando para os elementos auxiliares estes podem ser “logísticas, informações, contraespionagem, propaganda, controlo da população e recrutamento” (Estado Maior do Exército, 2015, pp. 3-29), o que nos leva a apontar este elemento como sendo as diferentes comissões que foram acima abordadas.

⁴⁷ Tradução feita pelo autor

Os elementos clandestinos são claramente todos aqueles que estão ligados aos meios de financiamento ilegais, salientando os elementos ligados ao tráfico de narcóticos e ao contrabando. Quanto ao elemento descrito como seguidores na doutrina portuguesa ou base de massas no *Counterinsurgent's Guidebook*, este é descrito no segundo como “segmento da população que é favorável ao movimento insurgente e por omissão suporta passivamente o movimento”⁴⁸ (Counterinsurgency Training Center - Afghanistan, 2011, p. 24). Assim classificamos este elemento como a etnia Pasthum em geral e a parte da população com uma interpretação mais restrita do islão. Quanto ao último elemento que apenas é abordado na doutrina portuguesa, os quadros, a sua composição é o núcleo político da insurgência, os assessores religiosos bem como aqueles que tentam avaliar e resolver as queixas da população. (Estado Maior do Exército, 2015). Consideramos que estes são os governadores locais da estrutura fantasma Taliban, todos aqueles que têm cargos predominantemente ligados à religião e enquanto esteve ativa, a delegação estabelecida em Doha no Qatar que negociava com entidades externas.

4.5 Os Pontos Fracos e os Pontos de Fratura da Ameaça

Neste subcapítulo, são identificados os pontos fracos e os pontos de fratura da ameaça insurgente numa perspetiva de indicar aos comandantes de operações de contra insurgência aspetos relevantes para explorar a fim de acabar com a mesma. Embora possam existir vários, para não estender demasiado este capítulo e orientar melhor o nosso esforço de pesquisa apenas apontaremos um ponto fraco e um ponto de fratura que consideramos mais relevantes.

O ponto de fratura é uma falha interna dentro do movimento que representa uma fissura na estrutura da insurgência (Counterinsurgency Training Center - Afghanistan, 2011). Tendo em conta este conceito sobressai desde logo a recente fragmentação que tem havido dentro das chefias do movimento Taliban, fazendo-nos apontar como principal ponto de fratura esta divergência interna.

Quanto ao ponto fraco este é externo ao movimento e está normalmente ligado a falhas entre o movimento e a população (Counterinsurgency Training Center - Afghanistan, 2011). Assim podemos apontar que o principal ponto fraco associado ao movimento Taliban é a sua falta de aceitação pela maioria da população residente no Afeganistão como podemos ver na análise do ambiente operacional.

⁴⁸Tradução feita pelo autor

4.6 Resultados

No seguinte subcapítulo, iremos apresentar uma tabela síntese daquilo que foram os resultados deste capítulo bem como as m/a que tiveram a sua base nestes mesmos resultados.

Tabela nº4: Dinâmicas da Ameaça

Liderança	<ul style="list-style-type: none"> • Haibitullah Akhundzada; • Shura de Quetta, Shura de Peshawar, Shura de Miran Shah e Shura de Mashad
Ideologia	<ul style="list-style-type: none"> • Nacionalista Pasthum; • Radical Islâmica
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Saída de todas as tropas internacionais de território Afegão; • Reconstituição do Emirado Islâmico do Afeganistão; • Deposição do NUG;
Ambiente e Geografia	<ul style="list-style-type: none"> • Vantagem: Relevo facilita a infiltração de tropas e material na fronteira com o Paquistão; • Desvantagem: A neve dificulta essa mesma infiltração.
Apoio Externo	<ul style="list-style-type: none"> • Paquistão;
Apoio Interno	<ul style="list-style-type: none"> • Pequena parte da população.
Faseamento e Tempo	<ul style="list-style-type: none"> • Fase II.
Padrão Operacional	<ul style="list-style-type: none"> • Estrutura e Redes; • Aprendizagem e adaptação; • Recrutamento; • Formação; • Treino; • Recursos.
Alianças e Rivalidades Regionais com Movimentos Subversivos e Organizações Terroristas	<ul style="list-style-type: none"> • Hizb-I-Islami-Gulbuddin; • Al-Qaeda; • ISIS-K; • Movimento Islâmico do Uzbequistão

Fonte: Elaboração Própria

Tabela nº5: Estratégias da Ameaça

Estratégia	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégia Focada na Identidade; • Estratégia Composta e de Alianças.
-------------------	--

Fonte: Elaboração Própria

Tabela nº 6: Elementos de uma Ameaça

Liderança	<ul style="list-style-type: none"> • Haiabitullah Akhundzada; • Shuras de Quetta, Peshawar, Miran Shah e Mashad.
Elementos Clandestinos	<ul style="list-style-type: none"> • Elementos Taliban ligados ao financiamento ilegal;
Guerrilhas	<ul style="list-style-type: none"> • Unidades Móveis; • Milícias Locais.
Elementos Auxiliares	<ul style="list-style-type: none"> • Comissões não militares.
Base de Massas	<ul style="list-style-type: none"> • Afegãos de etnia Pasthum e parte da população com uma interpretação restrita do islão.
Quadros	<ul style="list-style-type: none"> • Governadores Locais; • Delegação de Doha.

Fonte: Elaboração Própria

Tabela nº7: Pontos Fracos e Pontos de Fratura

Ponto Fraco	<ul style="list-style-type: none">• Fragmentação da liderança
Ponto de Fratura	<ul style="list-style-type: none">• Segmento da população que não apoia o movimento Taliban

Fonte: Elaboração Própria

Embora possam existir muitas mais m/a, estas são de uma maneira geral as que achamos mais prováveis.

Modalidade de Ação nº1:

Tem na sua base a ideologia defendida pela linha que consideramos como os “*hardliners*”: Caracteriza-se por oposição às conversações de paz com os EUA, evocam a jihad como único meio para a vitória, favorecem a coexistência com outros grupos fundamentalistas. Esta m/a materializasse na realização de operações com maior envergadura e tentativa de alcançar centros populacionais de maiores dimensões para assim apagar o controlo do NUG sobre a população. Nesta m/a os objetivos são alcançados através da força, tornando a situação insustentável para o NUG. As necessidades associadas são: capacidade de manter um controlo efetivo sobre os centros populacionais conquistados; capacidade de travar batalhas decisivas usando táticas convencionais; apoio da maioria da população.

Modalidade de ação nº2:

Assenta na ideologia do atual emir Taliban, apoiando-se nos seguintes aspetos: Luta ativa com o ISIS-K, abertura para negociações com a comunidade internacional, enfraquecimento das ligações com grupos fundamentalistas. Esta m/a materializasse por: esforço constante para descredibilizar o NUG e assim alcançar uma posição de força para futuras negociações. Nesta m/a os objetivos são atingidos através de negociações com os EUA e a continuação da atividade insurgente como meio de forçar essas negociações. As necessidades associadas são: Liderança Taliban unida; Capacidade de pôr em causa o controlo do NUG sobre o território afegão; Santuários Taliban no Paquistão

Capítulo 5 – Análise de Resultados

5.1 Verificação das hipóteses e resposta às Perguntas Derivadas

Tendo em conta a PD1 “Qual a melhor forma de aplicar o método do IPB num conflito de natureza subversiva?” como podemos ver ao longo do trabalho a H1 não se confirma. De facto depois de perceber que o método em questão não é o que melhor se aplica nesta situação, foram experimentados outros até chegarmos ao que está descrito no *Counterinsurgent's Guidebook*, e que, na opinião do autor é o que melhor se aplica no objeto de estudo. Abaixo podemos identificar três tabelas que materializam as vantagens e desvantagens experimentadas pelo autor na realização das diferentes abordagens do método.

Por fim analisando a PD2: “Quais as vantagens e as desvantagens da utilização do IPB no estudo da ameaça e do AO num conflito de natureza subversiva?” Embora a H2 aponte umas das vantagens da utilização do IPB esta não pode ser confirmada. De facto, depois de aplicar este método chegou-se à conclusão de que existem várias oportunidades no entanto também podemos identificar algumas desvantagens na sua aplicação. De modo a conseguirmos fazer uma avaliação melhor de como é que foi a aplicação deste método usaremos uma matriz SWOT. Embora este tipo de análise seja feito para sumarizar aspetos chave de uma organização, fazendo algumas adaptações conseguimos tirar algumas conclusões estruturadas sobre a aplicação deste método já que o objetivo é identificar a extensão em que os pontos fortes e pontos fracos são relevantes para lidar com ameaças e capitalizar oportunidades (Johnson, Scholes & Washington, 2005).

Tabela nº8: Análise do Método IPB “clássico” (PDE 2-09)

Vantagens:	Desvantagens:
<ul style="list-style-type: none">• Estuda o terreno de uma forma gráfica;• Passos com explicações pormenorizadas e detalhadas sobre o processo;• Similar às doutrinas dos países OTAN permite a sua aplicação em conjugação com a doutrina de outros países.	<ul style="list-style-type: none">• Especial ênfase no terreno e não na população;• Estudo da ameaça muito direcionado para a ameaça regular;• Eficiente em áreas geográficas pequenas;• Não aborda aspetos essenciais em conflitos subversivos.

Fonte: Elaboração Própria

Tabela nº9: Análise do Método do IPB Apoio À Contrassubversão (PDE 2-09)

Vantagens	Desvantagens
<ul style="list-style-type: none"> • Adaptado a TO mais comuns nos dias de hoje; • Adaptado à natureza subversiva de um conflito; 	<ul style="list-style-type: none"> • Pouco eficiente em áreas geográficas grandes; • Passos muito específicos; • Não leva o utilizador a identificar fatores chave da insurgência.

Fonte: Elaboração Própria

Tabela nº10: Análise do Método do IPB presente no *Counterinsurgent's Guidebook*

Vantagens	Desvantagens
<ul style="list-style-type: none"> • Adaptável para áreas geográficas maiores; • Identifica fatores chave para a caracterização de uma insurgência de um ponto de vista militar; • Aplicação prática da doutrina subversiva. 	<ul style="list-style-type: none"> • Demasiado generalista; • Pouca ênfase nas M/A.

Fonte: Elaboração Própria.

Tabela nº11: Análise SWOT – Estratégias para a aplicação do método

	Potencialidades	Fragilidades
Fatores Internos	Vantagens: -Esforço de pesquisa orientado para fatores pertinentes do ponto de vista militar; -Orienta a pesquisa para resultados (efeitos do AO e m/a da ameaça) -Elabora um corpo de conceitos útil para apoiar a tomada de decisão.	Desvantagens: - Tempo que demora a sua elaboração.
Fatores Externos	Cuidados a ter na aplicação do método: - Aplicar uma forma de IPB adequado ao ambiente específico; - Apoiar o estudo em publicações doutrinárias para combater as interpretações erradas; -Ter sempre em conta as duas partes beligerantes; -Conduzir o método focando-nos nos objetivos.	Erros comuns: -Embora o IPB seja universal existem varias maneiras de o aplicar, tentar aplicar dois métodos diferentes ao mesmo tempo leva a resultados inconclusivos; - Escolher uma área geográfica muito grande leva a resultados demasiado generalizados; -Tentar sempre excluir ideias pré-concebidas que possam influenciar os resultados da análise; -Apresentar conclusões nas partes que descritivas.

Fonte: Elaboração Própria

CONCLUSÃO

A aplicação do método do IPB para estudo da ameaça e do AO na área geográfica do Afeganistão nos anos mencionados, permitiu ao autor perceber qual a sua pertinência quando sobreposto num conflito de natureza subversiva. Consequentemente foi possível ampliar o conhecimento sobre esta região do globo e ganhar experiência no estudo e no processamento de informações a partir de um instrumento usado pela grande parte dos países da OTAN.

Tal como vimos nos capítulos anteriores, este método traz bastantes vantagens nomeadamente no que diz respeito à organização da pesquisa, à orientação para conclusões uteis e na elaboração de um corpo de conhecimentos sólido para apoiar a tomada de decisão.

As desvantagens que o método apresenta estão grandemente relacionadas com o tempo que demora a sua elaboração. Sendo que o tempo é um fator determinante em grande parte das operações militares e seguir todos os passos contemplados no IPB pode ser um exercício demasiado demorado, percebemos a razão pela qual este método nem sempre é usado quando as unidades de informações militares pretendem estudar uma determinada área. Por outro lado se em vez de aplicar o processo na sua totalidade forem usadas ferramentas deste método para estudar partes singulares do AO e da ameaça, é possível focar aspetos específicos sem elaborar o método na sua totalidade e assim economizar tempo.

Assim podemos concluir que embora seja um processo demorado, o IPB quando bem aplicado, é um processo eficaz para o estudo da ameaça e do AO numa área geográfica específica e num espaço temporal definido. Podemos então dizer que este método é pertinente para estudos deste tipo de um ponto de vista militar

A diversidade de abordagens existentes para a aplicação deste método permite ao utilizador adequar o processo à natureza do conflito existente na área que pretende estudar. No caso estudado, um conflito de natureza subversiva, chegamos à conclusão que o método que melhor se adapta de entre os três estudados é aquele que está presente no *Counterinsurgent's Guidebook*.

Para chegarmos a esta conclusão foi necessário ir tentando abordagens diferentes até chegarmos aquela que nos apresentou resultados mais sólidos sobre o objeto de estudo. Quanto ao IPB para operações convencionais que é descrito no PDE 2-09, este é bastante completo e pode ser aplicado em conflitos não-convencionais caso haja a abertura de mente necessária. No entanto a sua aplicação em conflitos de natureza subversiva torna-se mais difícil e se o utilizador não for experiente na aplicação do método corre o risco de se focar em fatores que não têm tanta importância em conflitos desta índole.

Quanto ao IPB para Apoio à Contrassubversão presente no PDE 2-09, este está mais direcionado para conflitos desta natureza específica do que o anterior o que o torna mais facilmente aplicável. No entanto não é facilmente adaptável a áreas geográficas grandes e sobretudo não direciona o utilizador para fatores chave de uma ameaça, fatores esses que são realçados no PDE 3-49 (por exemplo as dinâmicas, elementos e estratégias da ameaça).

A abordagem descrita no *Counterinsurgent's Guidebook* foi a que melhor se adaptou ao objeto de estudo na medida em que funciona melhor para áreas geográficas maiores e consequentemente a níveis mais altos e leva o autor a focar-se naqueles que são os fatores chave para compreender o AO e ameaça num conflito de natureza subversiva.

Como consequência da aplicação do IPB no objeto de estudo referido foi possível produzir um conjunto de dados organizados e com a qualidade académica necessária para que mais tarde possam ser usados em futuras investigações relacionadas com o mesmo objeto. Importante também referir que com este TIA apenas fazemos uma descrição do AO e da ameaça no Afeganistão e não pretendemos de maneira nenhuma chegar a eventuais resoluções para o conflito ou tecer considerações sobre o desempenho dos diferentes atores no mesmo.

Tendo em conta a investigação feita podemos apontar algumas limitações que restringiram o estudo. A falta de experiência na aplicação do método levou muitas vezes a resultados inconclusivos e fez com que o tempo adjudicado à elaboração das diferentes abordagens fosse superior ao esperado. Por outro lado a impossibilidade de obter dados primários com a mesma pertinência dos dados secundários disponíveis em fontes abertas obriga o autor a apoiar-se em estudos previamente elaborados.

Na sequência deste estudo surge a ideia de que seria interessante a aplicação da abordagem presente no *Counterinsurgent's Guidebook* para estudar um dos TO no qual Portugal esteve presente na segunda metade do século XX. Embora apenas tenhamos utilizado esta publicação para estudar a ameaça e o AO, na mesma obra podemos encontrar atributos, princípios e linhas de operação da contrainsurgência. Será que o exército português atuou segundo a doutrina dos dias de hoje para conflitos de natureza subversiva, nomeadamente aquela que vem expressa no *Counterinsurgent's Guidebook*?

Com a elaboração deste estudo percebemos também a extensão com que o método do IPB pode ser aplicado. Tendo em conta que todas as organizações estão envoltas num ambiente que afeta as decisões do seu chefe executivo e para todas as organizações existem ameaças que podem afetar a sua rentabilidade ou mesmo a sua existência, seria interessante

tentar perceber se este método poderia ser aplicado no âmbito empresarial de modo a ajudar as chefias a tomarem decisões mais adequadas.

BIBLIOGRAFIA

- Akseer, T., Shoaib, M., Miller, R., Sadat, S., Satkowski, C., Seese, H., . . . Yousufzai, F. (2017). *Afghanistan in 2017 - A survey of the Afghan People*. Cabul: The Asia Foundation.
- Ali, J., & Lester, G. (2009). *Afghan Insurgent Tactics, Techniques and Procedure Field Guide*. Marine Corps Intelligence Activity.
- Campbell, J., O'Halon, M., & Saphiro, J. (2009). *Assessing Counterinsurgency and Stabilization Missions*. Washington DC: Brookings.
- Central Statistics Organization. (2017). *Afghanistan Living Conditions Survey 2016-2017*. Kabul: Islamic Republic of Afghanistan.
- Chawala, S. (2003). *The opium economy in Afghanistan: An International Problem*. Viena: United Nations Office on Drugs and Crime.
- Collins, C., & Ali, A. (2010). *Financing The Taliban*. Washington DC: New America Foundation.
- Collins, J. (2011). *Understanding War in Afghanistan*. Washington DC: National Defense University Press.
- Counterinsurgency Training Center - Afghanistan. (2011). *A Counterinsurgent's Guidebook*. Cabul.
- Courages Services Inc. (2007). *The Hierarchy and Dictionary of Afghanistan*.
- Couto, Abel Cabral (1988). *Elementos da Estratégia*, Vol. II, Instituto de Altos Estudos Militares.
- Dorransoro, G. (2009). *The Taliban Winning Strategy in Afghanistan*. Carnige Endowment.
- Dressler, J., & Forsberg, C. (2009). *The Qetta Shura Taliban in Southern Afghanistan*. Institute for The Study of War.
- Estado Maior do Exército. (2010). *2-09 Estudo do Espaço de Batalha pelas Informações*. Lisboa.
- Estado Maior do Exército. (2012). *3-00 Operações*. Lisboa.
- Estado Maior do Exército. (2015). *PDE 3-49-00 Contrainsurgência*.
- Ewans, M. (2002). *Afghanistan: A short story of its peoples and politics*. Nova Iorque : Harper Collins.

- Freitas, T. (2009). *Conflito no Afeganistão - Causas e Consequencias*. Lisboa: Academia Militar.
- Gil, A. C. (2002). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. (4ª Ed.), São Paulo: Edições Atlas S.A.
- Giustozzi, A. (2017). *Afghanistan: Taliban's organization and structure*. LandInfo.
- Governement of The Islamic Republic of Afghanistan. (2014). *Afghanistan National Development Strategy (2008-2013) - Executive Summary*.
- Grau, L. (1996). *The Bear Went Over a Mountain: Soviet Combat Tactics in Afghanistan*. Washington DC: National Defense University Print.
- Haqdost, M., Basiret, A., & Lemahieu, J.-L. (2017). *Afghanistan Opium Survey 2017*. United Nations Office on Drugs and Crime.
- Headquarters of The Army. (2009). *FM 3-24-2 Counterindurgency*. Washington DC.
- International Security Assisstance Force. (2005). *Hanbook for Afghanistan*. Cabul.
- Islamic Republic of Afghanistan. (2014). *National Risk and Vulnerability Assessment 2013 2014 - Afghanistan Living Conditions Survey*. Cabul: Central Statistics Organization.
- Jalali, A. (2016). *Afghanistan National Defense and Security Forces*. United States Peace Works.
- Jane's Sentinel Security Assessment - South Asia. (2017). *Afghanistan - Army*. Jane's.
- Jane's World Insurgency and Terrorism. (2017). *Taliban*. Jane's.
- Jhonson, T., & Mason, C. (2007). *Understanding The Taliban and Insurgency in Afghanistan*. Washington DC.
- Jost, P., & Sandhu, H. (2010). *The Hawala Alternative Remittance System and its Role in Money Laundering*. Financial Crimes Enforcement Network.
- Malkasian, C., Meyerle, J., & Katt, M. (2009). *The War in Southern Afghanistan 2001-2008*. CNA Analysis & Solutions .
- McNally, L., Amiral, A., Weinbaum, M., & Issa, A. (2016). *The Islamic State in Afghanistan: Examining is Threat to Stability*. Middle East Institute.
- Mesquita, A. (2014). *Comunicação Persuasiva de Orgãos de Soberania em Zonas de Conflito: Estudo de Caso Afeganistão*. Lisboa: Instituto Superior de Ciencias Sociais e Politicas.
- Meyerle, J., & Malkasian, C. (2009). *Insurgent Tatics in Southern Afghanistan*. CNA.

- Murray, M., Doxey, M., Hegseth, P., & Streighner, C. (2011). *A Counterinsurgency Handbook*. Cabul: Counter Insurgency Training Center - Afghanistan.
- Nogueira, José Manuel Freire [et al] (2005). *Pensar a Segurança e Defesa*, 1ª Edição, Lisboa, Instituto da Defesa Nacional
- Santos, L., Lima, J., Garcia, F., Monteiro, F., Silva, N., Silva, J., & Afonso, C. (2015). *Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos de Investigação*. Lisboa: Instituto de Estudo Superiores Militares.
- Sarmiento, M. (2008). *Guia Prático sobre a Metodologia Científica (2ª ed.)*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Setas, C. (2013). *Relations Between Afghanistan and Pakistan and the Peace Process with Afghan Taliban*. Madrid: Revista del Instituto Español de Estudios Estrategicos.
- Special Inspector General of Afghan Reconstruction. (2018). *Quarterly Report to the United States Congress*.
- Tellis, A. (2010). *Baradar Pakistan, and Afghan Taliban: What Gives?* Carnegie.
- The International Council on Security and Development. (2008). *Struggle for Kabul: The Taliban Advance*. Londres.
- The United Nations High Commissioner for Refugees. (2017). *UNHCR Regional Plan: Building Resilience and Solutions for Afghan refugees in South West Asia*. Geneva: UNHCR.
- United Nations Assistance Mission in Afghanistan. (2018). *Protection of Civil Affairs in armed Conflict: Annual Report 2017*. Cabul: UNAMA.
- Weinbaum, M., & Babbar, M. (2016). *The Teancious, Toxic Haqqani Network*. Washington DC: Middle East Institute.
- Ewans, Martin (2002). *Afghanistan: A short history of its peoples and politics*. New York: HarperCollins Publishers
- Oxford Dictionary (2018). <https://en.oxforddictionaries.com/definition/taliban> Acedido a 2 de março de 2018
- Middle East Institute (2015). <http://www.mei.edu/content/article/iran-s-taliban-gamble-afghanistan>. Acedido a 15 de março de 2018
- Observer of Economic Complexity (2018). <https://atlas.media.mit.edu/en/profile/country/afg/> Acedido a 8 de março de 2018
- North Atlantic Treaty Organization (2016). https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_113694.htm Acedido a 21 de março de 2018

Organização das Nações Unidas

(2015).<http://www.un.org/sustainabledevelopment/blog/2015/12/sustainable-development-goals-kick-off-with-start-of-new-year/> Acedido a 5 de março de 2018

União Europeia (2017).https://eeas.europa.eu/delegations/afghanistan/17/about-eu-delegation-afghanistan_en Acedido a 28 de fevereiro de 2018

North Atlantic Treaty Organization (2016).

https://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_69366.htm Acedido a 28 de fevereiro de 2018

Understanding FATA (2010). <http://www.understandingfata.org/about-u-fata.php> Acedido a 28 de fevereiro de 2018

CNN (2016). <https://edition.cnn.com/2016/08/16/world/sharia-law-definition/index.html> Acedido a 2 de março de 2018

Ministry of Foreign Affairs (2011). <http://mfa.gov.af/en/page/about-afghanistan/the-islamic-republic-of-afghanistan> Acedido a 21 de março de 2018

Texas University (2010)

(http://legacy.lib.utexas.edu/maps/middle_east_and_asia/afghanistan_ethnoling_97.jpg) Acedido a 27 de Outubro de 2017

Texas University

(2010)http://legacy.lib.utexas.edu/maps/middle_east_and_asia/afghanistan_topo86.jpg Acedido a 20 de Março de 2018

Omaha University (2018) <https://www.unomaha.edu/international-studies-and-programs/center-for-afghanistan-studies/academics/transboundary-water-research/DLM3/DLM3.php> Acedido a 28 de Outubro de 2017

XE (2018)<https://www.xe.com/currencycharts/?from=USD&to=AFN&view=10Y> Acedido a 15 de Abril de 2018.

APÊNDICES

Apêndice A: Orgânicas das ANSF

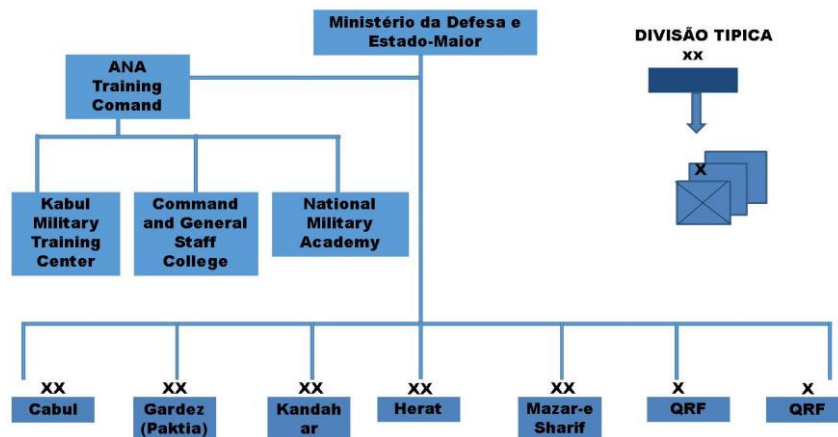


Figura nº7: Orgânica das ANSF

Fonte: Autoria própria, números retirados de Jalali, A. (2016). *Afghanistan National Defense and Security Forces*. United States Peace Works.

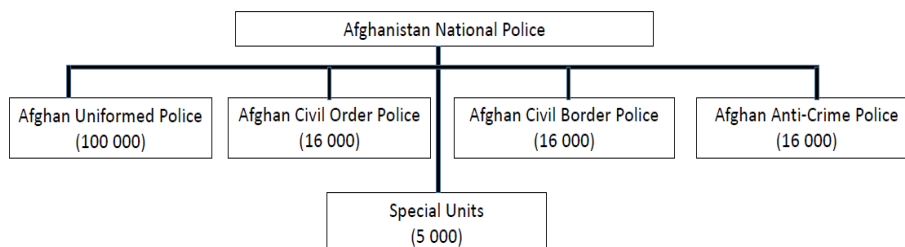


Figura nº8: Orgânica da ANP

Fonte: Autoria Própria, dados retirados de Jane's Sentinel Security Assessment – South Asia. (2017). Jane's

Apêndice B⁴⁹ – Resultados do IPB TRADICIONAL (PDE2-09)

1) Definir o Ambiente do Espaço de Batalha

a) Identificar os limites da Área de Operações e do espaço de batalha:

Segundo o PDE 2-09 a AO⁴⁹ é definida como “ a área geográfica atribuída a um comandante com a responsabilidade e autoridade para conduzir operações militares”

⁴⁹ Caso queira ter acesso a este estudo na sua totalidade contactar o autor através do email: antonio_sousamarrana@hotmail.com

(Exército Português, 2010, p.2-6). Ora como não possuímos uma área com responsabilidades na qual vamos conduzir operações, e pretendemos estender o nosso estudo ao território geográfico que diz respeito á República Islâmica do Afeganistão a nossa área de operações que coincide com o espaço de batalha, será o território do Afeganistão. Dizer que a ameaça

b) Estabelecer os limites da Área de Interesse:

Segundo o PDE 2-09 a área de interesse é “definida como a área geográfica na qual se identifica a necessidade de recolha/obtenção de informações que permitam o planeamento e execução com sucesso de uma determinada operação” (Exército Português, 2010, p.2-7). Mais uma vez deparamo-nos com a dificuldade de no presente caso não estarmos a efetuar o estudo do espaço de batalha no qual vai decorrer uma operação. No entanto analisando o mesmo PDE é nos dito que contribui também para a definição dos limites da área de interesse os seguintes fatores:

- **A capacidade da ameaça projetar e mover forças para a AOP**
Analisando este ponto e tendo por base aquele que definimos como sendo o nosso espaço de batalha, desde logo sabemos que muitos santuários e campos de treino Taliban se encontram nas FATA, que é território Paquistanês. Assim teremos que estender a nossa área de interesse até às FATA.
- **As localizações de outras atividades ou características do ambiente que podem influenciar as m/a e a decisão.**
Embora nos não tenhamos definido m/a nem iremos tomar uma decisão sabemos que existem atividades nomeadamente comerciais nos estados da Asia Central (Turquemenistão, Uzbequistão e Tajiquistão) que influenciam o ambiente operacional. Assim teremos que abranger também estes estados.
- **Qualquer missão futura do tipo “preparar para” ou “á ordem”, identificada durante o estudo da missão.**
Não se aplica.
- **Qualquer mudança do espaço de batalha motivada pela manobra.**
Não se aplica.

Os limites da AInt são baseados em todos os fatores que podem ter influência no cumprimento da missão, não se restringindo a considerações de natureza geográfica, (...) Sabemos que geopoliticamente todos os países que fazem fronteira com o Afeganistão vão influenciar o ambiente operacional que se vive na Republica Islâmica do Afeganistão. Sabemos também que países como a India, a Rússia, a Turquia, a China (que também faz fronteira com o Afeganistão), e os GCC vão também ter um impacto expressivo no ambiente operacional que pretendemos estudar. No entanto ao estarmos a abrir demasiado a nossa área de interesse iremos dispersar a nossa atenção não permitindo que nos foquemos no essencial. Assim para que seja possível um estudo mais aprofundado, optou-se por caracterizar como Área de Interesse o território abrangido pelos seguintes países: República Islâmica do Afeganistão, República Islâmica do Irão, República Islâmica do Paquistão,

República do Tajiquistão, República do Turquemenistão, República do Uzbequistão e República Popular da China.

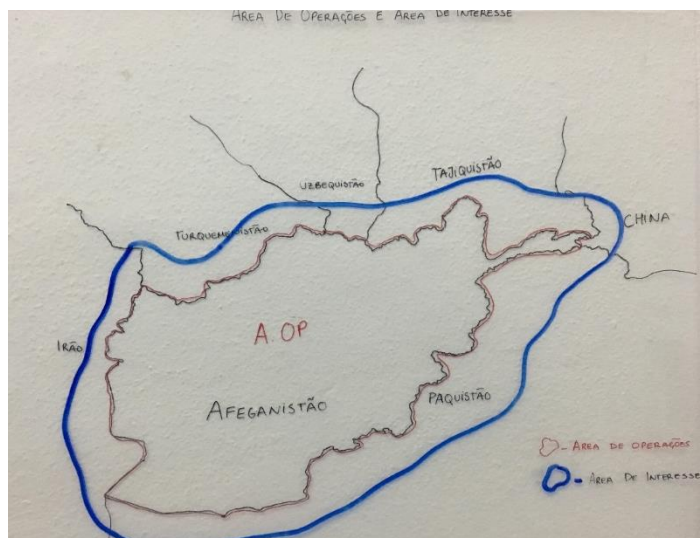


Figura 9: AOP e AINT

Fonte: Autoria Própria

2) Avaliar os efeitos do Espaço de Batalha

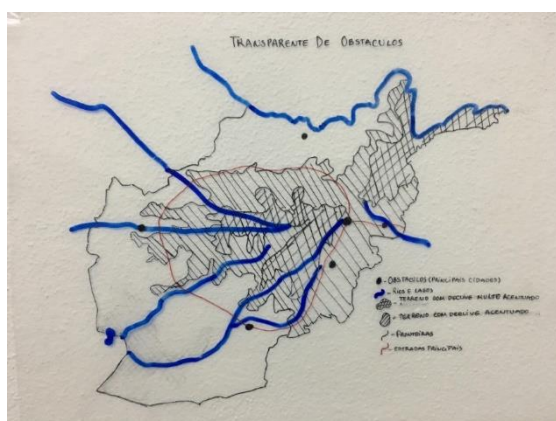


Figura 10: Obstáculos

Fonte: Autoria Própria

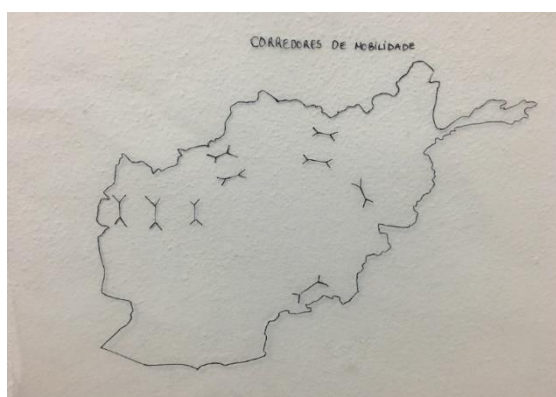


Figura 11: Corredores de Mobilidade

Fonte: Autoria Própria

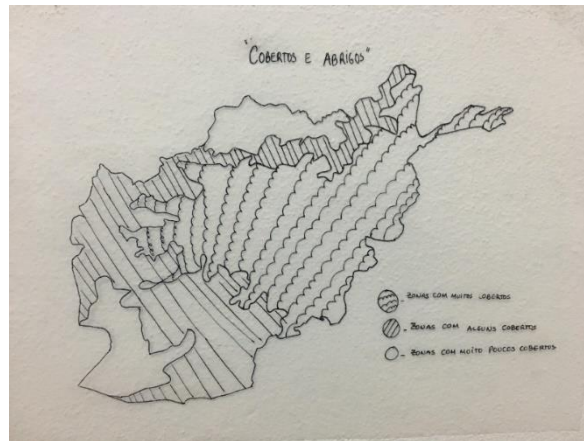


Figura 12: Cobertos e Abrigos

Fonte: Autoria Própria

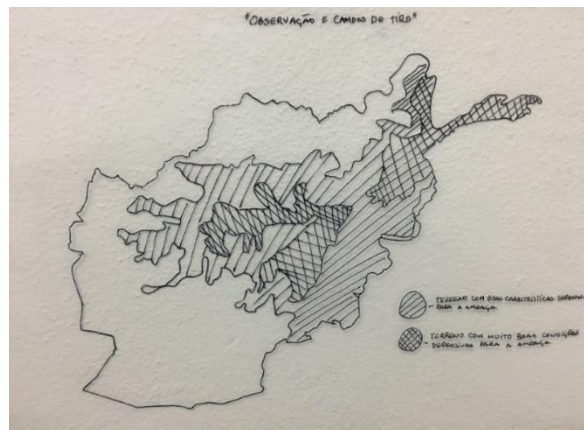


Figura 13: Observação e Campos de Tiro

Fonte: Autoria Própria

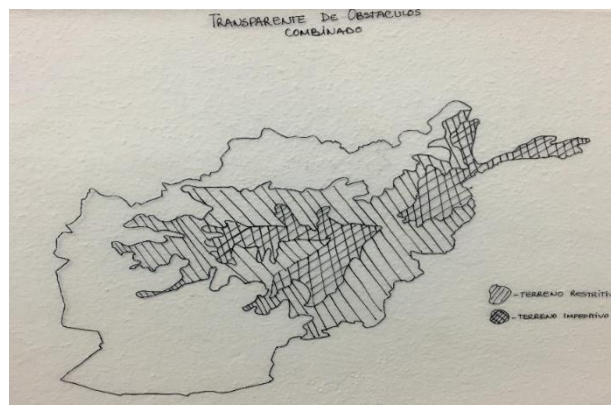


Figura 14: Transparente de Obstáculos Combinados

Fonte: Autoria Própria

Tabela 12: Variável Política IPB tradicional

	Político
Características mais importantes	<ul style="list-style-type: none"> Nos últimos anos a situação política do Afeganistão tem sido bastante confusa; Constituição Afegã cria uma democracia ao estilo afegão; Alguma confiança no NUG mas pouca confiança nas instituições governamentais; Direito ao voto não é exercido na sua plenitude; A maior parte da população afegã acha que a mulher deve ter acesso ao voto.
Possíveis efeitos na Ameaça	<ul style="list-style-type: none"> Uma situação política confusa cria um ambiente de instabilidade que favorece a ameaça na medida em que descredibiliza o governo atraindo seguidores para os grupos insurgentes e dificulta a ação das instituições do estado que deveriam subjugar a ameaça; Uma democracia ao estilo afegão pode fazer com que a população se identifique mais com o seu governo tirando apoio à ameaça; A pouca confiança nas instituições governamentais pode fazer com que haja um desrespeito da lei criando um ambiente favorável para a ameaça; O direito ao voto não ser exercido na plenitude fragiliza a democracia afegã o que pode dar credibilidade á ameaça como alternativa; A evolução do papel da mulher na sociedade afegã mostra o corte dos laços com o antigo regime defendido pela ameaça.

Fonte: Autoria Própria

Tabela 13: Variável Militar IPB tradicional

	Militar
Características mais importantes	<ul style="list-style-type: none"> O sentimento de segurança tem vindo a decrescer nos últimos anos, à medida que a ISAF vai retirando forças do terreno; O processo de reconstrução das forças de segurança e defesa afegãs é um grande desafio que não está a ser ultrapassado dado que o sentimento de segurança tem aumentado; O grau de confiança nas ANSF é muito baixo.
Possíveis efeitos na Ameaça	<ul style="list-style-type: none"> O facto de a população estar insegura pode levar a que procure segurança no seio das forças da ameaça; Quanto mais lenta for a reconstrução das forças armadas afegãs mais capacidade de manobra terá a ameaça;

Fonte: Autoria Própria

Tabela 14: Variável Económica IPB tradicional

	Económica
Características mais importantes	<ul style="list-style-type: none"> • O Afeganistão tem problemas intrínsecos que não deixam a economia desenvolver; • Grandes quantidades de minerais e população muito jovem; • A saída das forças da ISAF foi drástica para a economia do país.
Possíveis efeitos na Ameaça	<ul style="list-style-type: none"> • Enquanto o Afeganistão não conseguir acabar com estes problemas, não vai desenvolver a sua economia e não vai proporcionar um ambiente estável e benéfico para a qualidade de vida da sua população dando vantagem á ameaça para recrutar elementos insatisfeitos com a situação atual; • Uma boa exploração dos recursos aliada a uma taxa de empregabilidade grande dentro da população jovem pode ser um fator determinante para a diminuição da capacidade de recrutamento entre a população jovem para as fileiras da ameaça; • A saída das forças da ISAF pode ter criado a perda de postos de trabalho que cria um sentimento de revolta favorável à ameaça.

Fonte: Autoria Própria

Tabela 15: Variável Social IPB tradicional

	Social
Características mais importantes	<ul style="list-style-type: none"> • O Afeganistão é um estado multiétnico, sendo que cada etnia tem as suas próprias características; • A religião islâmica tem um papel preponderante no Afeganistão. • O papel das mulheres no Afeganistão é mais evoluído do que em alguns estados do medio oriente, no entanto muito atrás dos padrões ocidentais; • Embora estejam a melhorar a saúde e educação afegãs são ainda muito precárias.
Possíveis efeitos na Ameaça	<ul style="list-style-type: none"> • O desentendimento entre as várias tribos e etnias pode causar um ambiente de instabilidade favorável à ameaça; • A maneira como é vivida a religião e como é seguida a Sharia tem um papel determinante na capacidade de recrutamento da ameaça. Quanto mais fundamentalista for a interpretação da religião mais capacidade vai ter a ameaça de recrutar; • A introdução em grande escala da mulher na atividade politica e económica pode significar um corte com a ideologia defendida pelo antigo regime associado à ameaça; • Quanto melhores as condições de vida entre a população afegã, menor será a vontade dos jovens se associarem à ameaça.

Fonte: Autoria Própria

Tabela 16: Variável Informações IPB tradicional

	Informações
Características mais importantes	<ul style="list-style-type: none"> • A difusão da informação é ainda rudimentar e passível de ser corrompida; • Cada vez mais os afegãos têm acesso a informação mais rápida e mais fidedigna;
Possíveis efeitos na Ameaça	<ul style="list-style-type: none"> • O acesso á informação pode ser um fator crucial para impedir que jovens se juntem á ameaça;

Fonte: Autoria Própria

Tabela 17: Variável Infraestruturas IPB tradicional

	Infraestruturas
Características mais importantes	<ul style="list-style-type: none"> • As infraestruturas de transporte são ainda algo deficitárias; • O uso dos meios de telecomunicação está em rápida evolução.
Possíveis efeitos na Ameaça	<ul style="list-style-type: none"> • A qualidade das infraestruturas vai afetar a economia e a capacidade do governo estender o seu controlo a todo o território, o que dá liberdade de ação para a ameaça e cria um ambiente vantajoso para a mesma.

Fonte: Autoria Própria

Tabela 18: Variável Ambiente Físico IPB tradicional

	Terreno
Características mais importantes	<ul style="list-style-type: none">• Muitas áreas com boas características defensivas;• A maior parte do território dispõe de bons cobertos e não oferece capacidade para observação às mais longas distâncias;• A zona central e a Nordeste do território trazem muitas dificuldades ao movimento;• Os corredores de mobilidade estão situados á volta das elevações centrais.
Possíveis efeitos na Ameaça	<ul style="list-style-type: none">• O terreno oferece nítida vantagem para a tipologia de forças da ameaça.

Fonte: Autoria Própria

3) Avaliar a Ameaça

Tabela 19: Avaliar a Ameaça

Tipo de Ameaça	<ul style="list-style-type: none">• Irregular
HVT	<ul style="list-style-type: none">• Populações Pasthum• Santuários no Paquistão• Plantações de Ópio• Regiões de Kandahar e Cabul.
Principais TTP	<ul style="list-style-type: none">• Ataques IED;• Fogos diretos de armas ligeiras;• RPG;• Fogos Indiretos (Morteiros e Artilharia)

Fonte: Autoria Própria

4) Modalidades de Ação

Objetivos:

- Restauração do Estado Islâmico do Afeganistão;
- Deposição do NUG;
- Retirada de todas as tropas e instituições internacionais.

Apêndice C⁵⁰– Resultados do IPB aplicado a operações de apoio à Contrassubversão

1) Definir o ambiente do Espaço de Batalha

- (1) Área de Interesse: Igual ao anterior;
- (2) Área de Operações: Igual ao anterior;
- (3) Apoio de Países Terceiros à Subversão: Salientar Paquistão e Irão.

⁵⁰ Caso queira ter acesso a este estudo na sua totalidade contactar o autor através do email: antonio_sousamarrana@hotmail.com

- (4) Forças militares de países envolvidos: *Resolute Support Mission* (OTAN) e *Operation Freedom Sentinel* (EUA)

2) Descrever os efeitos do Espaço de Batalha

- (1) Identificar o terreno propício para pontos de entrada e linhas de infiltração

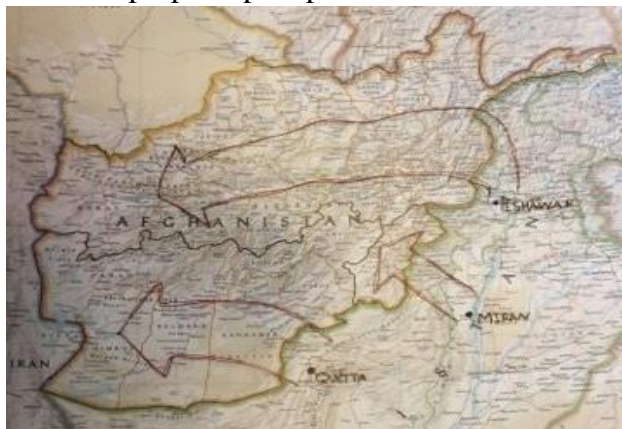


Figura 15: Linhas de Infiltração

Fonte: Autoria Própria

- (2) Identificar afeitos que o clima e condições meteorológicas têm na ameaça:
Determinação da “*Fighting Season*”
- (3) Padrões de migração e estabelecimento de população que incidem movimentos pós-governamentais ou favoráveis à ameaça:
Padrão de migração 1: Afeganistão ⇌ Paquistão (Favorável à ameaça)
Padrão de migração 2: Afeganistão ⇌ Irão (Favorável à ameaça)
- (4) Influência da Política na atitude da população: Falta de satisfação com o Governo põe em causa legitimidade das forças empenhadas no combate à subversão.
- (5) A situação económica pode limitar as ações dos grupos subversivos. A falta de dinheiro pode levar a que uma das ações seja o roubo de armamento e bens alimentares: Verifica-se, mas apenas em pequena escala.

3) Avaliar a Ameaça

- (1) Estrutura e personalidades relevantes da ameaça:

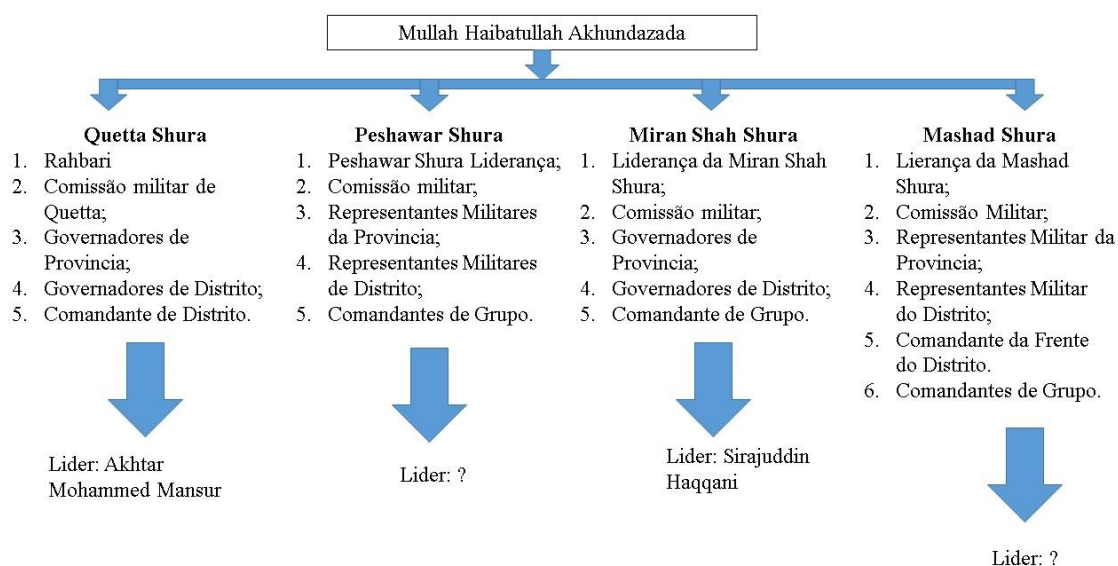


Figura 16: Estrutura Taliban

Fonte: Autoria Própria

Mullah Haibatullah Akundzada: Nomeado emir dos Taliban em 25 de Maio de 2016, consequência da morte de Mullah Mohammed Mansour. Este é um comandante Taliban de longa data, tem cerca de 50 anos e é original de Kandahar. Participou na luta subversiva contra a invasão soviética e teve um papel ativo quando os Taliban tomaram o poder até 2001. Entre outros cargos destaca-se o de líder da comissão militar de Kandahar.

Mullah Akthar Mohammed Mansour: Sucedeu a Mullah Omar na liderança dos Taliban e é também conhecido como Amir al-Muminin. Aquando do Estado Islâmico do Afeganistão exerceu o papel de ministro da aviação. Foi morto no Paquistão na sequência de um ataque de drone.

Sirajuddin Haqqani: Lider da Miran Shah Shura, foi também concelheiro de Mullah Mansur.

Mullah Qayun Zakir: Foi um dos mais importantes concelheiros de Mullah Mansur. Já esteve preso em Guantanamo e tem grande experiência no comando de forças insurgentes.

Mullah Mohammed Omar: Nasceu em 1959 na vila de Nodeh, Kandahar e é da etnia Pasthum da tribo Ghilzai. Ficou órfão de pai aos três anos e como vivia numa família com poucos recursos, teve a sua educação primária dada pelo seu tio. Depois disso frequentou várias madraças em Kandahar. Participou no movimento subversivo contra a invasão soviética, no qual foi ferido várias vezes chegando mesmo a perder o olho direito. Mais tarde voltou a Kandahar para se tornar num Mullah, e juntamente com outras figuras religiosas desta mesma região fundou o movimento Taliban. Nos dias de hoje continua desaparecido, sendo que os EUA têm um preço de 10,000,000 de dólares pela sua morte. Desde a queda do regime nunca mais apareceu em público e pensa-se que o seu acesso é muito limitado mesmo pelas altas patentes do movimento.

Mullah Abdul Ghani Baradar: Baradar foi um dos membros fundadores do movimento, e um líder proeminente na insurgência. Foi preso pelos ISI em 2010, no entanto acaba por ser libertado três anos mais tarde sob pretexto de ser um elemento necessário para reforçar as conversações de paz. Pensa-se que viva num santuário em Peshawar

4) Determinar as M/A da ameaça

M/A 1:

Temos como m/a 1 aquela que assenta no estilo de liderança de Haibatullah Akhundzada. Os seus objetivos são aqueles que identificamos como os objetivos do movimento Taliban. Prevê-se que este continue a utilizar como TTP mais usadas as emboscadas e os ataques IED de alto perfil como meio de descredibilizar o NUG e dar-lhe uma posição de força para mais tarde negociar com o mesmo. Os principais alvos serão as forças de segurança afegãs. Esta m/a tem como principal vulnerabilidade a fragmentação da liderança Taliban, pois se esta não for centralizada dificultara as negociações. Nesta m/a os objetivos são atingidos através de negociações com Cabul.

Necessidades associadas a esta m/a:

- Liderança Taliban unida;
- Capacidade de pôr em causa o controlo do NUG sobre o território afegão;
- Santuários Taliban no Paquistão.

M/A 2:

Assenta no estilo de liderança de Serajuddin e tem como principal linha de ação os assaltos cada vez com maior envergadura, tentando alcançar e exercer o controlo sobre centros populacionais cada vez de maior dimensão para assim obrigar a uma demissão do NUG. Os objetivos são os que identificamos como os objetivos do movimento Taliban. Os seus principais alvos serão centros populacionais e as instituições governamentais que neles existam. A maior vulnerabilidade associada a esta m/a que identificamos é a capacidade de manter na sua posse estes centros populacionais. Nesta m/a os objetivos são alcançados através da força.

Necessidades associados a esta m/a:

- Capacidade de manter um controlo efetivo sobre os centros populacionais conquistados;
- Capacidade de travar batalhas decisivas usando táticas convencionais;
- Apoio da maioria da população.

Avaliação e Priorização:

Iremos analisar as m/a identificadas confrontando-as com os critérios descritos no PDE 2-09 (Exército Português, 2010, pp. 2-53, 2-54) para assim decidirmos se são ou não validas.

- **Adequada:** Quanto a este critério a pergunta que se levanta é: Se a m/a for executada com sucesso, tem potencial para cumprir a missão? Assim podemos dizer que no caso da primeira se for alcançada uma posição de força e na segunda se os grandes centros populacionais estiverem na posse do movimento Taliban os objetivos podem ser alcançados.
- **Exequível:** As perguntas que se põe neste critério são: O tempo e o espaço para executar a m/a estão disponíveis? A ameaça dispõe dos meios necessários? Em ambos os casos a ameaça dispõe dos recursos tempo e espaço para ter sucesso.
- **Aceitável:** Este critério está associado ao grau de risco envolvido. As perguntas que se põe são: O risco é aceitável? Pode a ameaça empenhar os meios com pouca probabilidade de sucesso? Na primeira m/a podemos ver que o risco é claramente aceitável porque baseia-se no tipo de técnicas utilizadas até agora pela ameaça. No segundo caso, que envolve obviamente mais risco, consideramos que mesmo assim é aceitável.
- **Distinta:** Para que uma m/a seja considerada esta tem que ser distinta das outras. Neste caso as m/a diferenciam-se claramente na maneira como alcançam os objetivos.
- **Completa:** Ambas as modalidades de ação respondem às perguntas Quem? O quê? Quando? Onde? Para Quê?
- **Consistência com a doutrina:** A m/a 1 é mais consistente com aquilo que tem sido feito nos últimos anos, no entanto podemos observar casos que revelam que nos últimos anos os taliban têm já feito operações de maior envergadura e tentado alcançar centros populacionais cada vez maiores.

Baseado nos fatores apontados pelo PDE 2-09 para avaliar e priorizar as m/a(Exército Português, 2010, pp. 2-56, 2-57) resolvemos fazer uma tabela que pretende priorizar as m/a pelo seu grau de probabilidade.

Tabela 20: Avaliação das M/A

Característica	M/a 1	M/a 2
Retira mais vantagens do espaço de batalha	+	-
Minimiza riscos	+	-
Vai de encontro á atividade recente	-	+
Vai de encontro aos critérios de uma m/a	-	+
Centros de gravidade mais fortes.	+	-
TOTAL	3	2

Fonte: Autoria Própria

No que diz respeito á primeira característica consideramos que o terreno presente no território do Afeganistão favorece o tipo de TTP mais utilizadas na primeira m/a. Os riscos associados à m/a 1 são obviamente mais baixos dado o tipo de ações que esta se propõe. A atividade recente do movimento mostra-nos que têm sido feitas ações que têm em vista dominar centros populacionais maiores, o que vai de encontro à segunda m/a. Em ambas as m/a os critérios são aplicáveis, no entanto no que toca á distinção a segunda apresenta maior relevância. Por último consideramos que as necessidades da primeira são mais facilmente alcançáveis. Assim consideramos a m/a 1 mais provável. Visto que segundo o PDE 2-09 quem faz este estudo deve considerar-se como sendo a população, consideramos como modalidade de ação mais perigosa a segunda pois é a que poderá causar mais danos na população civil.

Anexo B: Distribuição Étnica no Afeganistão

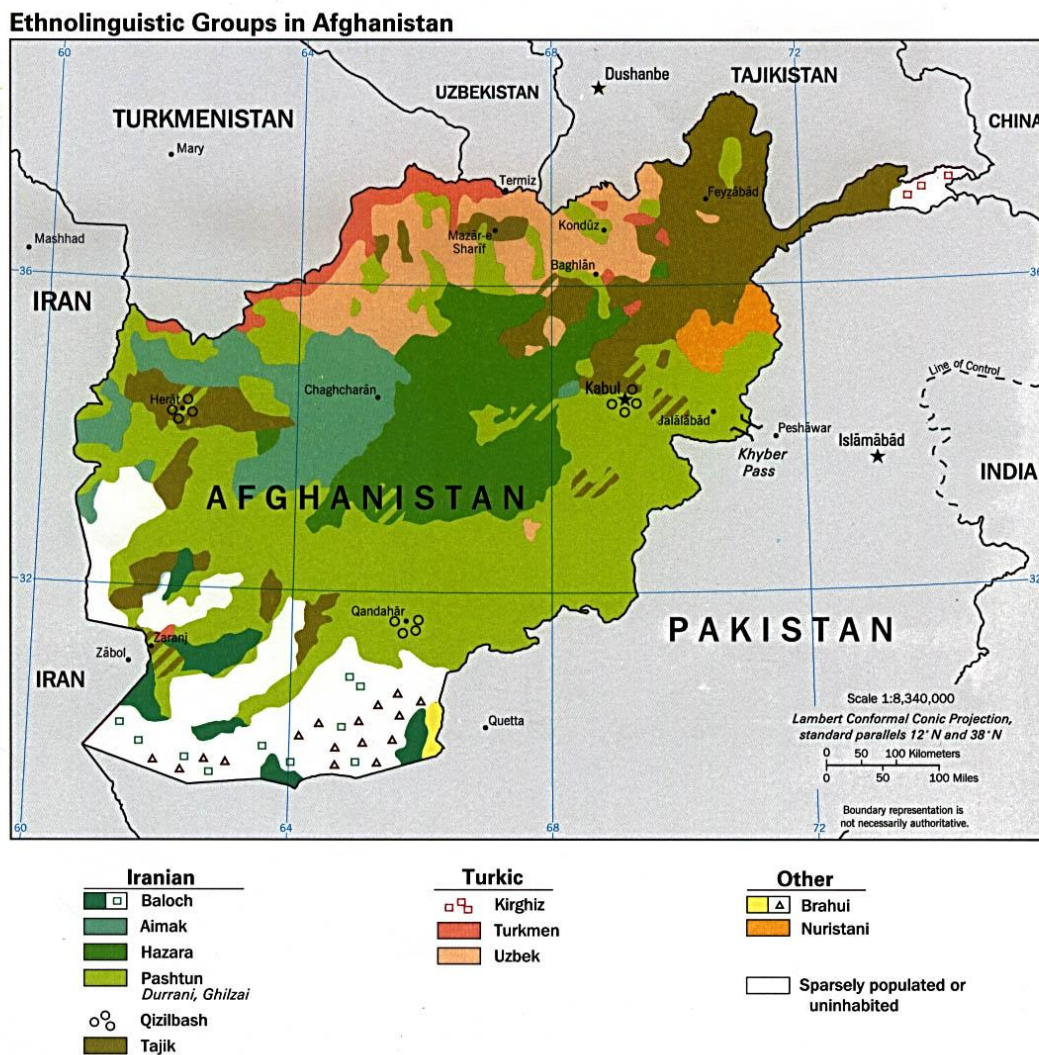


Figura 18: Distribuição Étnica do Afeganistão

Fonte: Retirado em 27 de outubro de 2017, em

http://legacy.lib.utexas.edu/maps/middle_east_and_asia/afghanistan_ethnoling_97.jpg

Anexo C: Relevo no Afeganistão

Afghanistan: A Country Study

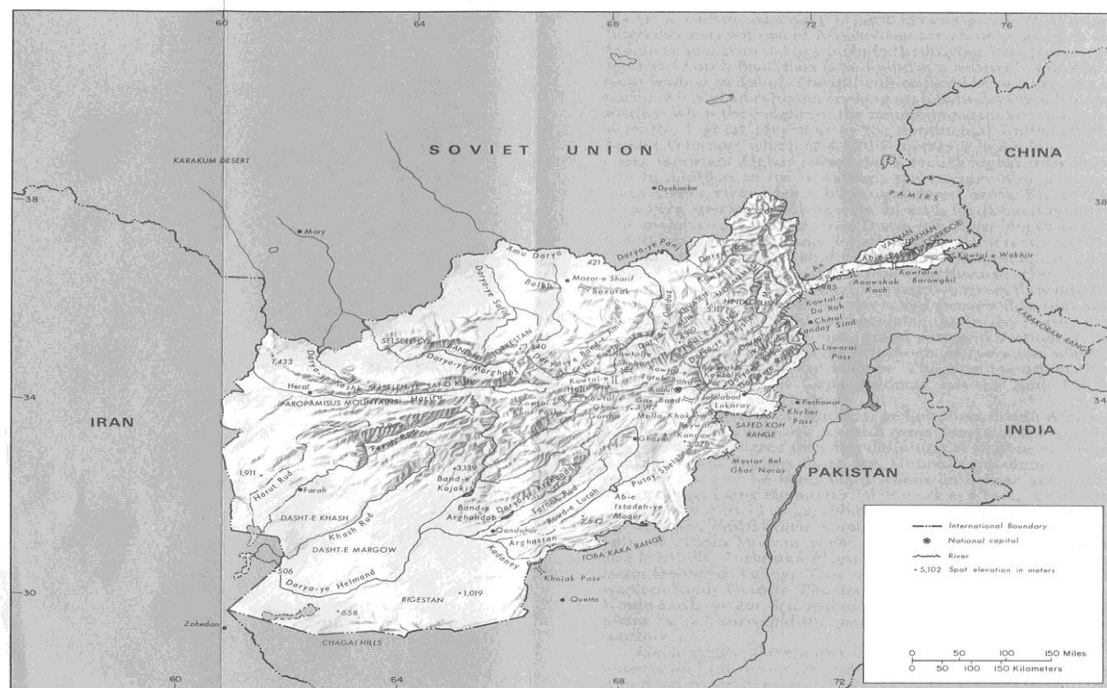


Figure 4. Topography

Figura 19: Relevo no Afeganistão

Fonte: Retirado a 20 de março de 2018 em

http://legacy.lib.utexas.edu/maps/middle_east_and_asia/afghanistan_topo86.jpg

Anexo D: Hidrografia No Afeganistão

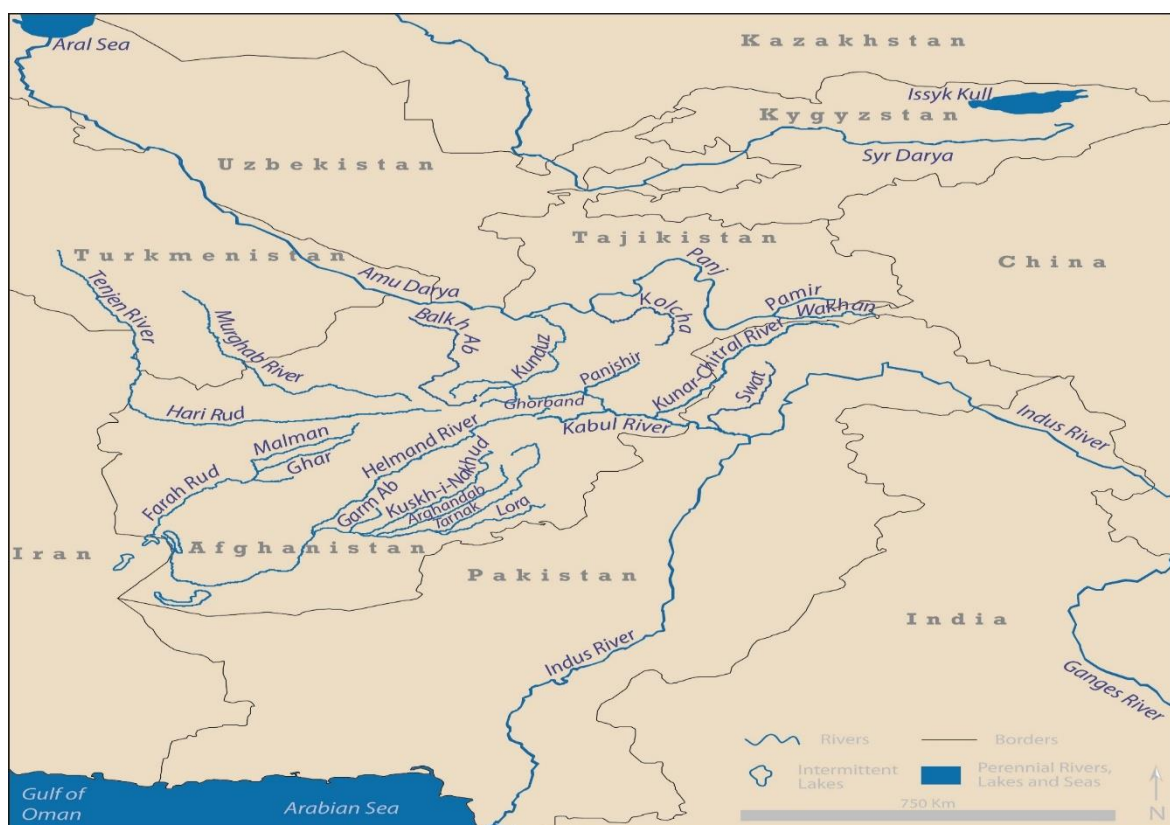


Figura 20: Hidrografia no Afeganistão

Fonte: Retirado em 28 de outubro de 2018, em <https://www.unomaha.edu/international-studies-and-programs/center-for-afghanistan-studies/academics/transboundary-water-research/DLM3/DLM3.php>

Anexo E: Hectares destinados à produção de Papoilas por Região

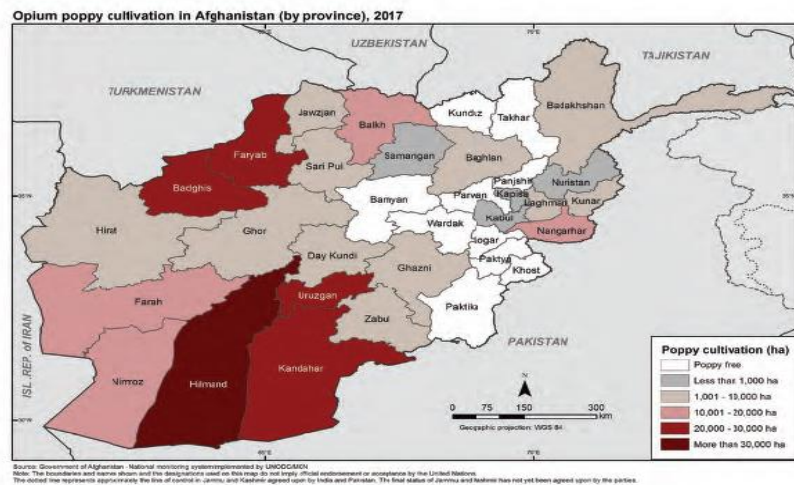
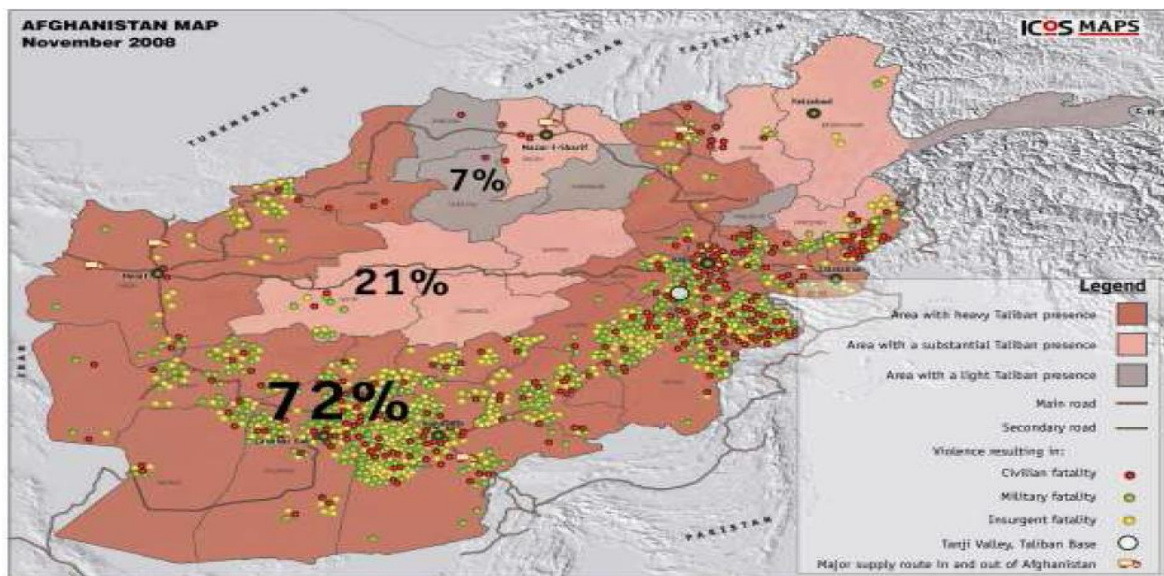


Figura 21: Hectares destinados à produção de papoilas por região

Fonte: Haqdot, M., Bsairat, A., & Lemahieu, J.-L. (2017) *Afghanistan Opium Survey 2017*. United Nations Office on Drugs and Crime

Anexo F: Zonas de Influência Taliban



NOTE: Map statistics are based upon publicly recorded attacks and local perceptions of Taliban presence

Figura 22: Zonas de Influência Taliban

Fonte: The International Council on Security and Development (2008). *Struggle for Kabul: The Taliban Advance*. Londres

Anexo G: Valor do Afghani em Dólares



Figura 19: Valor do Afghani

Fonte: Portal da XE, consultado a 26 de Abril de 2018 em

<https://www.xe.com/currencycharts/?from=USD&to=AFN&view=10Y>

Anexo H: Principais produtores de Ópio 1999/2000/2001

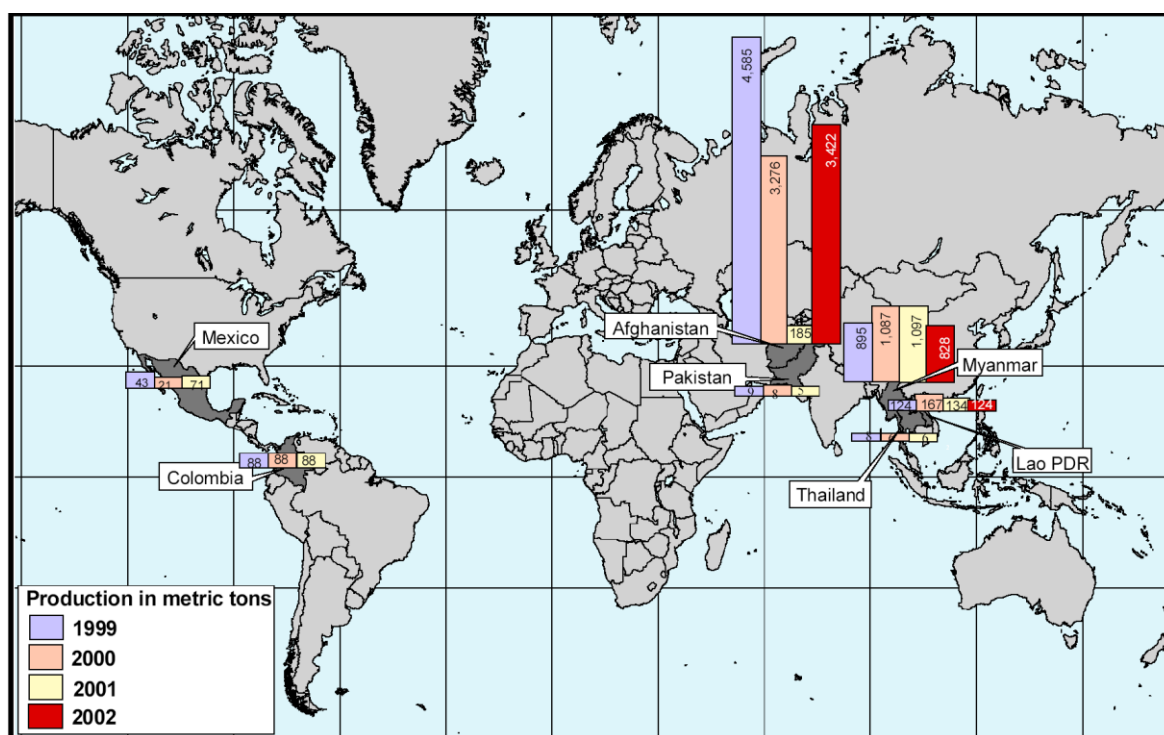


Figura 20:Produtores de Ópio (1999-2000)

Fonte: Chawala, Sandeep (2003). *The Opium Economy in Afghanistan: An International Problem*. Vienna. United Nations Office on Drugs and Crime